

Michel Misse

O ESTIGMA DO PASSIVO SEXUAL
Um símbolo de estigma no discurso cotidiano

3ª. Edição
revista e aumentada

NECVU / BOOKLINK

Coleção Necvu

Publicações do Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência Urbana (IFCS-UFRJ)

- 1. Michel Misse (coord.) – *Estatísticas Criminais do Rio de Janeiro (1908-2001)* – v. 1**
- 2. Michel Misse – *O Estigma do Passivo Sexual* (3ª. Edição, aumentada)**
- 3. Dilson Motta e Michel Misse – *Crime: o social pela culatra* (2ª. Edição, aumentada)**
- 4. Vários Autores - *Direitos Negados* – Cadernos de Direitos Humanos (em parceria com NUFEP-UFF e Secretaria de Estado de Direitos Humanos).**

Sumário

Prólogo – Peter Fry

Prefácios **3**

Introdução **4**

O Mito da Feminilidade **6**

O Conceito de Estigma **12**

O Passivo Sexual como Estigma **16**

Um Símbolo de Estigma no Discurso Cotidiano **23**

Apêndice [da 1ª. Edição] **34**

Bibliografia **36**

Apêndices [da 3ª. Edição]:

Revisitando um Certo Estigma **40**

Goffman, Misse e a linguagem dos atributos
(Laura Moutinho)

Prólogo

Só me lembro vagamente do meu primeiro contato com “O Estigma do Passivo Sexual” de Michel Misse. Nos idos da década de 1970 Yvonne Maggie me levou numa primeira visita ao Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O velho prédio no Largo de São Francisco transpirava grandeza, decadência e conspiração. Como uma espécie de cabeça de porco acadêmica, abrigava jovens filósofos, historiadores e cientistas sociais que exerciam o seu ofício nas brechas de liberdade deixada pelo regime militar. Numa das salas do IFCS, conheci o jovem Michel Misse que me ofereceu o seu livro em formato de panfleto e publicado pela editora Achiamé, um de uma série de trabalhos ousados e contestatórios produzido por ele e seus colegas de uma confraria chamada SOCII (Pesquisadores Associados em Ciências Sociais). Como poderia imaginar que quase trinta anos depois seríamos colegas no próprio IFCS e eu estaria incumbido, honrosamente, de escrever este prefácio?

O ensaio de Michel Misse logo me fascinou. Em primeiro lugar me dei conta que a ditadura militar e a hegemonia do marxismo nas nossas universidades não tinham impedido muita atividade prática e intelectual sobre questões de gênero e sexualidade. Ao mesmo tempo em que a polícia vigiava as nossas aulas e reprimia uma geração de cientistas sociais, o espírito de 1968 na França inspirava as nossas vidas privadas e as nossas reflexões acadêmicas. No Rio como em Campinas conviviam duas ciências sociais, uma, hegemônica, dedicada como que exclusivamente à economia política e à luta de classes, e a outra, um tanto marginal, que explorava as zonas mais recônditas da sociedade como gênero, “raça” e sexualidade. Na UNICAMP, onde eu dava aula na época, usávamos batas indianas, comíamos arroz integral e professamos uma vontade de combater todas as hierarquias, sobretudo a dominação masculina e heterossexual. Nossas alunas escreviam sobre uma gama de assuntos incluindo assassinatos em família, mulheres que abortavam, prostituição e até uma peça de teatro que se tornara *cult* para a nossa geração: Dzi Croquettes. Celebrando a indefinição de gênero como faziam mais

popularmente os Secos e Molhados, a peça começava com as linhas: “Nós não somos homens; tampouco somos mulheres! Somos gente, igual a você”.

Eu próprio tinha escrito alguma coisa sobre a relação entre homossexualidade e as religiões afro-brasileiras em Belém do Pará que me fez ver que a identidade homossexual, tão “natural” para as nossas classes médias viajadas, e para o mundo anglo-saxão onde me criei, teria que ser relativizada. Afinal, em Belém, descobri que homens não mantinham relações sexuais com outros homens. Relacionavam-se com “bichas” ou “veados”. A relação sexual satisfatória e completa era a penetração de um personagem considerado passivo por outro considerado ativo. Assim, da mesma forma que os homens podiam manter relações sexuais com mulheres ou “bichas” sem perder a sua identidade de “homens mesmo”, os que se definiam como “veados” almejavam relações com “homens mesmo” e ridicularizavam as relações entre duas bichas como “quebra louça” ou “lesbianismo”. Logo vi que a lógica das relações heterossexuais regia as relações entre pessoas do mesmo sexo. Os “homens mesmo” mantinham a sua identidade masculina enquanto as bichas e “veados”, ao assumirem a passividade sexual, enfrentaram as agruras de um papel altamente estigmatizado. Mas o que também percebi era que havia compensações que a sociedade reservava para as bichas estigmatizadas. Como observara Ruth Landes tantos anos antes, o candomblé abria as suas portas para os “homossexuais passivos”, que, com a sua criatividade e teatralidade, traziam algo mais para o enredo ritual. Seguindo as pistas teóricas abertas por Mary Douglas e Victor Turner, argumentei que a marginalização das bichas lhes conferia um potencial para a atribuição de uma argúcia especial nas artes da clarividência, da adivinhação e da magia.

O ensaio de Michel Misse que explicitou a estigmatização dos “passivos” veio no sentido de me fazer crer que a minha análise estava indo numa direção pelo menos plausível. Afinal o estigma também confere status, como o próprio Goffman reconheceu. Mas também fortaleceu a minha convicção de que a linguagem das relações sexuais expressava e ritualizava noções de dominação e submissão entre o masculino e o feminino, independentemente do sexo dos parceiros. A linguagem das relações sexuais revelava a profunda relação entre as representações sobre os sexos e gêneros e a distribuição deles no mercado dos amores e dos trabalhos. A moral da história é certamente que qualquer mudança nessa desigual distribuição dependeria fundamentalmente de uma concomitante transformação nas representações sobre homens e mulheres, sobre masculinidade e feminilidade. É tentador pensar que a profunda mudança da posição das mulheres na

sociedade brasileira desde a primeira edição deste livro se deve em grande parte a esse processo, pelo menos em alguns segmentos da população. Embora haja ainda áreas “masculinas” e “femininas” no mercado do trabalho e embora haja ainda uma significativa diferença de rendimentos de mulheres e homens, a **tendência** é nitidamente no sentido de uma maior igualdade. Talvez essa tenha sido uma das maiores mudanças neste país ao longo dos últimos trinta anos.

Mas estaria sendo ingênuo se deixasse de perceber que as estruturas de pensamento que o Michel Misse revelou na década de 1970 possuem uma força de persistência de longa duração. Embora tenhamos desenvolvido todo um vocabulário mais “igualitário” para se referir às relações sexuais e afetivas, como “transar”, “ficar”, “brincar”, etc., os velhos vocábulos continuam a imperar. E no mundo dos afetos entre pessoas do sexo masculino, parece que a velha obsessão com “atividade” e “passividade” continua forte como sempre. Basta entrar em qualquer sala de bate papo da internet para verificar! Basta conferir que os afeminados sofrem sempre um rebaixamento de status perante os homens de aparência mais máscula. Também estaríamos sendo ingênuos se não percebêssemos que o vocabulário chulo das relações sexuais continua empregando a metáfora do sexo para falar da dominação e submissão. Outro dia fui assistir um jogo de futebol no Maracanã. Antes do jogo, uma das torcidas de jovens homens marchava em volta do estádio como um pelotão de exercito, emitindo quantas vezes fosse necessário em vozes grossas e másculas as palavras “Ó! Fúria, chupa rola, dá o cú!” para tentar reduzir a torcida oposta à condição de um vencido, de “passivo sexual”.

O Estigma do Passivo Sexual continua relevante e ao ponto quase trinta anos após a sua primeira publicação. Festejo a sua terceira edição!

Peter Fry

Prefácio à 3ª. Edição

Ofereço ao leitor uma nova edição deste livro, publicado originalmente em 1979 e reeditado em 1981, sem alterações. Decidi novamente nada alterar da edição original, o que exigiria uma retomada da pesquisa e provavelmente correções de método que desfigurariam completamente sua forma e conteúdo. Acrescento, no entanto, em apêndice, uma recente conferência em que comento o destino do livro e as questões que ele ainda continua a suscitar. Ao fazê-lo, pretendo apenas contextualizar o texto original aqui reeditado e advertir à compreensão do leitor para suas inúmeras limitações. O final incompleto e evasivo do original foi, na época - como agora -, proposital, e visava deixar claro que se tratava de tema difícil e em aberto para novas explorações.

Para esta terceira edição tive a honra de contar com duas apresentações – o prólogo especialmente escrito por Peter Fry e o posfácio de minha brilhante ex-aluna Laura Moutinho, que aproveita trechos de seu premiado livro sobre cor, gênero e sexualidade. A Peter e a Laura, o meu reconhecido agradecimento.

Rio de Janeiro, 27 de dezembro de 2004

Prefácio à 1ª. Edição

Se não é exagerado um livro tão pequeno possuir prefácio, devo supor que, pelo menos, o recado a dar seja feito de poucas palavras. Uma primeira versão deste trabalho foi escrita em junho de 1974 para o curso que a Prof.^a Maria Stella de Amorim deu no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, onde eu terminei a graduação em Ciências Sociais. A maior parte do levantamento de expressões de gíria e palavrões bem como das entrevistas que utilizo foi feita naquela época.

Nunca mais retomei o tema nem me interessei em aprofundá-lo, até que, em 1977, por ocasião do curso de Metodologia no Mestrado de Sociologia do IUPERJ, ministrado pelo Prof. Edmundo Campos Coelho, resolvi recuperar a proposição principal do trabalho, a maior parte dos elementos empíricos anteriormente levantados e reescrevê-lo, agregando-lhe alguns suportes ilustrativos novos.

Incentivado pelo Prof. Edmundo Campos e por meus companheiros do Socii, com os quais discuti alguns aspectos do trabalho, decidi-me a publicá-lo logo, antes que minha persistente insatisfação com sua forma final o levasse definitivamente para a gaveta. Esta decisão tão mais me aliviou quanto eu sei da importância crescente que o assunto tratado vem merecendo de alguns especialistas brasileiros e da certeza que tenho de que não mais voltaria, pessoalmente, a reelaborá-lo de novo.

Devo dizer que este é um produto isolado dentro do meu campo de estudo regular, geralmente voltado para coisas bastante diversas das que discuto aqui. O interesse específico em trabalhar nas questões de “ideologia” (particularmente o estudo das determinações ideológicas das práticas criminais) tem-se mostrado ultimamente maior, graças ao convívio intelectual com meu amigo Dílson Motta, a quem dedico este trabalho.

Michel Misse

15 de dezembro de 1978.

Introdução

É de Kierkegaard a expressão: “Que desgraça ser mulher! E quando se é mulher, sem dúvida a pior desgraça, no fundo, é não compreender que é uma desgraça.” Citada em *O Segundo Sexo*, por Simone de Beauvoir, a expressão não esconde a referência ao estigma, até o reforça, o nomeia. No entanto, quem se atreveria a falar seriamente no “estigma de ser mulher”? Quando Goffman escreveu *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*,¹ certamente pensava em cicatrizes, aleijões, alcoólatras. Ele chegou mesmo a dizer que “não são todos os atributos indesejáveis nosso tema de discussão, porém unicamente aqueles que são incongruentes com nosso estereótipo acerca de como deve ser determinada espécie de indivíduos”.² Seria coerente com a teoria de Goffman ampliar o significado do conceito, simplesmente para encorajar a visibilidade da “desgraça” feminina?

O sem-sentido desta questão é o nosso ponto de partida. A preocupação de Goffman em limitar a discussão do tema à esfera das relações interpessoais é condizente com sua preocupação teórica mais geral, explicitada em outra obra.³ Entretanto, poderemos fazer o mesmo se pensarmos numa forma de estigmatização que se manifesta para além das simples relações interpessoais? Se for possível encontrar uma forma de estigma que, por definição, contrarie as limitações impostas ao tema por Goffman sem que necessariamente se apresente fora do seu próprio conceito, poderemos traduzir esta questão sem-sentido numa crítica preliminar ao tratamento do assunto por Goffman. Este seria o objetivo geral do qual o presente trabalho seria a pré-condição.

Pretendo analisar aqui um setor do discurso cotidiano – aquele que é ocupado pelo “palavrão” e pelas “expressões de gíria” – com o interesse em desencavar um símbolo de estigma. Para isto, preciso postular: 1. que um

¹ Goffman, Erving. *Stigma. Notes on the management of spoiled identity*. New Jersey, Prentice-Hall, 1963.

² *Ibidem*, p. 13 da edição Argentina: Bs. As., Amorrortu, 1970, a mesma que será usada nas demais citações deste livro. Há edição brasileira, posterior à redação deste livro (Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983).

³ Goffman, Erving. *A Representação do eu na vida cotidiana*. Rio de Janeiro, Vozes, 1976.

símbolo de estima pode-se manifestar ao nível do discurso; 2. que um símbolo de estigma não precisa ser necessariamente evidente, nem seu emprego no discurso ser de uso consciente, para que possa existir como tal; 3. que este símbolo de estigma representa uma relação de estigmatização que não existe nas relações interpessoais, a não ser enquanto estas relações exprimem o discurso no qual aparece o símbolo do estigma. Como estes três postulados contrariam os limites impostos por Goffman em sua análise, e constituem o objeto que precisa ser demonstrado, pressupondo-os desde já como hipóteses de trabalho. O modo pelo qual realizo a escavação do terreno ideológico escolhido será explicitado ao mesmo tempo de sua realização, de forma a unir a exposição do método de exposição.

Dado um conjunto de apreciações positivas e negativas do “caráter” feminino na ideologia dominante, que vêm a constituir uma espécie de “mitologia da feminilidade”, passo a discernir algumas de suas características.

1

O Mito da Feminilidade

“As estrelas sorriam, o rio cantava e algumas flores que ainda restavam se abriram pra receber a fada madrinha, toda lilás. De repente, tudo ficou quieto e a varinha de condão surgiu no ar. E o que ela toca se modificava: o mato se cobriu em flores que brilhavam tanto como se fossem estrelas coloridas e as borboletas salpicavam de melodia essas estrelas azuis, roxas, vermelhas... A floresta inteira dançou. E a festa foi tão grande que aquele castelo lá longe despertou do seu sono de séculos. O encantamento estava desfeito. A princesinha então acordou.”

(de um conto infantil brasileiro)

Grande ênfase tem sido dada pela imprensa aos chamados “movimentos sociais de liberação”. Desenvolvendo-se no sentido iniciado pelos movimentos feministas do final do século passado, os novos emancipacionistas fazem transbordar, da luta pelos direitos civis, a exigência de mudanças radicais nas relações que cristalizam papéis sexuais hoje considerados opressivos e anacrônicos.

Nos países capitalistas avançados surgem diariamente na imprensa intelectual, artigos e reivindicações assinados por grupos e partidos feministas formalmente semelhantes aos de grupos reconhecidamente estigmatizados, como os homossexuais, por exemplo. Que existam sérias e profundas alterações na “identidade social” da mulher, é evidente para o senso-comum intelectual. Entretanto, de que modo estas alterações estão afetando o “mito da feminilidade”, isto é, aquele setor do discurso ideológico dominante que preenche de sentido e razão o conjunto de práticas sociais que reproduzem os “papéis sexuais”?

Não é novidade que a posição social da mulher, quanto ao desempenho de papéis sexuais (abstraindo-se os papéis econômicos, políticos etc.), tem sido subalterna à do homem em todas as sociedades fundadas num

ethos de “rejeição religiosa do mundo”, como é o caso do judaico-cristianismo predominante nas chamadas “civilizações ocidentais”.⁴ É reconhecido também que há, nestas civilizações, uma predominância do “objeto sexual” na qualificação social da mulher, o que nem sempre ocorre nas chamadas “civilizações do Oriente”.⁵ O mito da “inferioridade biológica” da mulher é desconhecido em muitas sociedades do passado e até hoje em algumas sociedades tribais.⁶ Parece ocorrer, nas “civilizações ocidentais”, uma vinculação básica entre este muito “biológico” e o papel social da mulher, como assinala Beauvoir ao conceber a mulher como um “segundo sexo”, forçado a ocupar o que na sua opinião corresponde a uma casta separada na sociedade.⁷ A “dessexualização” dos mitos religiosos ocidentais parece obedecer à mesma lógica de ocultação do imenso significado do sexo na conformação da identidade social feminina no Ocidente. O principal mito religioso feminino do catolicismo, a Virgem Maria, não é a mulher do principal mito religioso masculino, Jesus Cristo, mas sua mãe. O deslocamento implica afugentar qualquer vinculação *degradante* (i.é, sexual-feminina) para o âmbito oposto, assexuado e elevado, da feminilidade, o papel de mãe. Para que, mesmo aqui, não se associe a maternidade à fecundação por meio do sexo, para conceber Cristo ela não teria entrado em relações sexuais com nenhum homem, sua pureza virginal se mantendo através do Mistério de uma fecundação divina pelo Espírito Santo. O judaísmo e o protestantismo não guardam praticamente nenhum mito religioso feminino. O Deus é do sexo masculino. Quanto ao catolicismo, Jesus feito homem nunca possuiu uma mulher. “A ética fraternal da religião de salvação está em tensão profunda com a maior força irracional da vida: o amor sexual”, explica Weber.

As explicações do comportamento social do homem e da mulher com base nas diferenças biológicas entre os sexos estão hoje ultrapassadas em vista da enorme documentação antropológica, sociológica e psicológica acumulada nos últimos cinquenta anos. Mesmo assim, um cientista como Freud persistiu em atribuir à inexistência do pênis certa “inferioridade” biológica da mulher e instituiu o “defeito” como base de uma parte fundamental de sua teoria da sexualidade. Embora não sustente uma

⁴ Apesar de sua predominância ocidental, as “religiões de salvação” tiveram seu berço na Índia. Cf. Weber, Max. *Ensaio de sociologia*, cap. 13; *Ibidem. Religion of India. Apud: Bendix. In: Max Weber*, p. 186.

⁵ Weber. *Religion of India. Apud: Bendix. In: Max Weber*, nota 66, à p. 186: observa que o principal deus hindu é uma representação fálica tanto masculina quanto feminina. Cf. também sobre a religião na China. Margareth Mead. *Sexo e temperamento e Macho e fêmea*.

⁶ Margareth Mead. *Sexo e temperamento*, p. 41 e segs. H. Shelsky. *Sociologia da sexualidade*, cap. 2; Ira, Reiss. *Toward a sociology of the heterosexual relationships*.

⁷ Simone de Beauvoir. *O Segundo sexo*.

importância social para as diferenças biológicas, o psicólogo Erich Fromm, numa abordagem normativa, assinala que “diferenças de papel biológico têm certos sobretons de personalidade. No ato sexual, o homem está em brios para demonstrar sua potência, enquanto a mulher espera que ele a satisfaça. Esta diferença fundamental na função biológica é subjacente a uma tendência para a dominação e o êxito no homem e para a dependência na mulher”. Segundo Fromm, “responde pelos traços ‘masculinos’ de iniciativa, ousadia e coragem e pelos traços ‘femininos’ de paciência, confiança e encanto”.⁸

Como os psicólogos, a exemplo de Fromm, podem constatar, nas diferenças psicológicas entre os sexos, diferentes tipos psicológicos e formas de caráter? Uma metodologia ingênua e redundante parece ser aplicada: a avaliação estatística do comportamento social na civilização ocidental não pode deixar de confirmar o que lhe é ideologicamente inerente. Mas daí passar às generalizações, orientadas pela ideologia dominante nestas sociedades, não pode ser considerado um procedimento científico.⁹

De qualquer modo, tanto a Tasmânia de Linton quanto os Arapesh de Mead estão distantes do modo de pensar cotidiano que vamos considerar aqui. Este tem por referência “o eterno feminino”, o conjunto de atributos que configuram desde os papéis sexuais até o caráter e a personalidade genérica da mulher entre nós. O quadro a seguir (Quadro 1) propõe algumas características antinomicamente relacionadas com as do mito machista:

⁸ Erich Fromm. *Sex and character*. Apud: G. Seward. *Sex and social order*.

⁹ “Historicamente nossa cultura contou, para a criação de valores ricos e contrastantes, com muitas distinções artificiais, a mais notável das quais é o sexo”. Margareth Mead. *Sexo e temperamento*; “Elas atingiram o rochedo a nado, observaram os animais e os mataram a golpes de porrete.” R. Linton. *O homem, um estudo*.

Quadro 1: Atributos da Feminilidade e da Virilidade

<i>Feminilidade</i>	<i>Virilidade</i>
Doce, suave	Duro, rude
Sentimental	Frio
Afetiva, intuitiva	Intelectual, racional
Superficial	Profundo
Improvisadora, impulsiva	Planificador
Frágil	Forte
Liberal	Autoritário
Dependente	Independente
Protegida (Covarde)	Protetor (Valente)
Tímida	Agressivo
Recatada, prudente	Audaz
Volúvel, instável	Constante, estável
Sedutora (conquistada)	Conquistador
Bonita	Feio?
Pode chorar, insegura	Homem não chora, seguro
Monogâmica	Poligâmico
Virgem	<i>Expert</i>
Fiel	Infiel
Sacrificada, abnegada	Cômodo
Masoquista	Sádico
Passiva	Ativo

Fontes: Mead, Margareth. Macho e fêmea; Beauvoir, Simone de. O Segundo sexo; Gissi, Jorge. Mitologia de la femineidad; Klein, Viola. El caracter feminino; e Ruitenbeek, Hendrik M. El Mito Del machismo.

O conjunto de estereótipos da “feminilidade” aparentemente não contém nenhuma alusão constantemente desvalorizadora da mulher a não ser enquanto, atributo por atributo, a identifica em última análise ao estereótipo-síntese: passiva. A “passividade” da mulher parece estar associada à sua posição ou função sexual, mas isto de algum modo é deslocado pela intensa concentração dos atributos nos aspectos mais psicológicos que propriamente biológicos. De vinte e um atributos, apenas um está relacionado com a sua

constituição física (“frágil”), todos os outros se referem a aspectos de caráter e personalidade.

Este “deslocamento” poderia, de algum modo, justificar uma hipótese: um dos fundamentos simbólicos da estigmatização feminina constituiria uma síndrome sobre uma condição natural da mulher, mas por algum motivo a base natural deveria ser deslocada para o nível psicológico. Em outras palavras, a “naturalização” simbólica da “passividade” feminina – conteúdo sintético do mito da feminilidade – se constitui sobre um conjunto de atributos psicológicos, embora sua referência última, deslocada e não-dita no discurso cotidiano, refira-se a uma *condição física da mulher*, usada como matéria-prima principal da estigmatização e que, de algum modo, deve funcionar também como “símbolo do estigma”.

Neste caso, qual poderia ser a *condição física* que, deslocada para uma *condição psicológica*, justificaria o atributo de “passividade”, e por que aparentemente não é a própria condição física que é aludida, mas sua “representação” psicológica?

Mesmo que isto se confirmasse, haveria então “estigma da mulher” na simples constatação de um atributo desacreditador? O deslocamento do físico para o psicológico não se encarregaria de dissipar qualquer “visibilidade” do estigma e, por conseguinte, não se encarregaria de dissipar qualquer “visibilidade” do estigma e, por conseguinte, não o tornaria praticamente inexistente por não comparecer nas relações diretamente interpessoais?

Vejam o que acontece quando vamos ao campo, eu e duas amigas minhas previamente combinados. Recorto a seguinte nota num dos cadernos de classificados do *Jornal do Brasil*:

C... ADMITE

ENGENHEIRO CIVIL

Com experiência mínima de 5 anos em construções prediais para trabalhar diretamente em canteiros de obras.

Enviar curriculum com pretensões para Av. Rio Branco, nº ...

Remetemos para a firma três cartas, com currículos excelentes, dos melhores na área e praticamente idênticos nas qualificações e pretensões salariais também muito próximas, a minha um pouco mais alta que a das minhas amigas. Detalhe: uma das cartas foi assinada por um nome masculino evidente (João), outra com um nome feminino evidente (Maria das Graças) e uma terceira foi com um nome ambíguo (Darcy), sem alusão ao sexo do candidato. Aguardamos finalmente o contato, que veio apenas para João e Darcy. Fui com minha amiga até à firma, no horário marcado, onde outros candidatos também estavam sendo recebidos. Única mulher a ser convocada, Darcy assim que *mostrou* sua condição física de mulher demorou pouco menos de cinco minutos na entrevista, o tempo suficiente para que um senhor, com ar constrangido (segundo minha amiga me contou), pedisse desculpas e explicasse que a direção da firma havia determinado que só se admitissem homens. Perguntado pela razão, respondeu que “o tipo de trabalho não condizia com a presença feminina”, pedindo novamente desculpas e reafirmando que se tratava de uma decisão superior, com a qual “aliás”, concordava, “porque a senhora mesmo não se sentiria bem tendo que freqüentar locais pouco apropriados para uma mulher”. Na minha vez me desfiz do contato, alegando outros compromissos, mas antes me referi à presença de Darcy na sala de espera. O senhor que nos atendeu esboçou um sorriso e comentou; “Eu não sei o que ela tem na cabeça, fazendo engenharia e procurando emprego numa firma que disse no anúncio que era pra ficar nos canteiros de obras!”.

Outro anúncio, outra visita, desta vez de Maria das Graças. O anúncio era para “vendedor de máquinas de escritório”. Eis o relato de minha amiga, muito literário, por sinal:

“Cheguei ao endereço indicado no anúncio do jornal, subi um lance de escada, empurrei a porta do escritório mencionado e sentei na sala de espera. Mais três candidatos, todos homens, aguardavam também. Perguntei a um rapaz que estava ao meu lado se apenas homens seriam aprovados. Ele não sabia. Esperei. Chegou a minha vez. Entrei numa sala maior, aconchegante e sóbria. Um homem de terno e gravata me esperava atrás de uma mesa grande, sóbria como a sala. Por um rápido momento seu olhar foi de estupefação e reprovação ao mesmo tempo. Baixou os olhos, discretamente confuso me olhou uma segunda vez mais seguro. Disse-lhe então que estava ali atendendo ao anúncio. Um leve pigarrear, um tom de confissão:

- Infelizmente o anúncio é só para homens.

Fiz o jogo, me espantei. Ele insistiu:

- Nunca tivemos um vendedor mulher.

- E não gostariam de tentar? perguntei. Rosto contraído, contrariado me respondeu: - Infelizmente nossos produtos só são bem recebidos quando demonstrados por vendedores masculinos. De mais a mais não tenho autorização de meus superiores para aprovar um candidato mulher.

- Uma pena, falei. Levantei. Saí.”

Resolvi finalmente fazer uma espécie de levantamento do número de anúncios que explicitamente convocassem mulheres, os que convocavam homens e os que não faziam alusão a sexo. Eis os resultados colhidos de um número qualquer do *Jornal do Brasil*, de dia útil da semana:

Emprego para homens: 52

Emprego para mulheres: 44

Emprego sem ref. a sexo: 71

Total de ofertas de emprego: 167

Obs: Não foram computados os anúncios para emprego doméstico.

Do total de 167 ofertas de emprego, 96 discriminavam o sexo desejado e 71 não discriminavam. Atentando-se para as 71 ofertas, percebe-se que uma parte considerável (em torno de 40) é de empregos “reconhecidamente” masculinos (*boys*, motoristas, mecânicos) ou femininos (secretária, costureira), sobrando perto de 30 ofertas efetivamente indiferentes (no anúncio) ao sexo do empregado.

Talvez seja interessante discutir agora o conceito de estigma proposto por Goffman, para que o sentido de nossa análise se complete.

O Conceito de Estigma

Para Goffman, o “estigma” é, antes de mais nada, uma relação formal pela qual são atribuídos comportamentos e expectativas “desacreditados” ao indivíduo que tenha mostrado ser dono de um “defeito, falha ou desvantagem”. Desse modo deixamos de vê-lo como uma pessoa “normal” para reduzi-lo a um ser “diferente, estranho e menosprezado”. A classificação social do que pode constituir a base para um estigma, em outras palavras, o discernimento social do “defeito” ou da “diferença” é uma forma de estereótipo e, como tal, possui elementos etnocêntricos. Por conseguinte, é provável que ao encontrarmos um “estranho” as primeiras aparências nos permitam prever em que categoria se encontra e quais seus atributos, isto é, sua *identidade social*.¹⁰ Goffman esclarece esta relação distinguindo uma brecha na identidade social:

“Em geral não somos conscientes de ter formulado estas expectativas normativas e tampouco de seu conteúdo até que surja uma interrogação de ordem prática: minhas expectativas serão satisfeitas? É então provavelmente quando tomamos conta que estivemos concebendo sem cessar determinadas suposições sobre o indivíduo que temos pela frente. Portanto, às expectativas que formulamos poderíamos chamar com maior propriedade expectativas enunciadas “em essência”, e o caráter que atribuímos ao indivíduo deveria ser considerado como decorrente de uma visualização retrospectiva em potência – uma caracterização “em essência”, uma *identidade social virtual*. A categoria e os atributos que, de fato, segundo pode-se mostrar, lhe pertencem, se denominarão sua *identidade social real*.¹¹

Esta distinção, que Goffman desenvolverá no restante do seu trabalho a partir dos conceitos de “informação social” e “controle de informação”,¹² é fundamental para explicar, ainda segundo Goffman, a manipulação social do “estigma” como uma linguagem de relações, formalizada em razão de equivalências (“normal” e “normal”, “estigmatizado”

¹⁰ E. Goffman. *Estigma – la identidad deteriorada*. Buenos Aires, Amarrortu, 1970. p. 11-3.

¹¹ Goffman. *Estigma...* p.12.

¹² Id. *Ibidem*.

e “estigmatizado) e diferenças (“normal” e “estigmatizado e “normal” e “estranho”) necessárias por sua função social ao regular padrões de comportamento (“identidade social”) através da unidade *eu-outro*, indispensável à unidade das semelhanças (*eu outro como eu*) e que:

“O estigma implica não tanto um conjunto de indivíduos concretos separáveis em dois grupos, os estigmatizados e os normais, mas como um penetrante processo social de duas condutas ou papéis (*roles*), ao menos em certos contextos e em algumas fases da vida onde cada indivíduo pode participar de ambos. O normal e o estigmatizado não são pessoas mas sim perspectivas. Essas se generalizam em situações sociais durante contatos mistos, em virtude de normas não verificadas que provavelmente jogam no encontro. Os atributos duradouros de um indivíduo em particular podem convertê-lo em um estereótipo; terá que desempenhar o papel de estigmatizado, em quase todas as situações sociais que viver e é natural referir-se a ele, como fiz, como um estigmatizado cuja situação vital o separa em contraste com os normais. Mas seus atributos particulares estigmatizadores não determinam a natureza dos dois papéis, o normal e o estigmatizado, mas simplesmente *a frequência com que desempenha um deles em especial*. Uma vez que o implicado são “papéis” de interação, não indivíduos concretos, não será surpreendente que em muitos casos aquele que tenha uma certa classe de estigma exiba sutilmente todos os julgamentos normais dirigidos contra aqueles que tenham outra classe de estigma.”¹³

Como se vê, a natureza dos papéis de “normal” e “estigmatizado” é uma função do maior ou menor desempenho de cada um por um indivíduo. Isto seria uma simples redundância, caso Goffman não tivesse estabelecido a distinção entre “identidade social virtual” e “identidade social real” e a desenvolvesse em termos de “desempenho de papéis” através de uma distinção decorrente:

“O termo estigma e seus sinônimos ocultam uma dupla perspectiva: o indivíduo estigmatizado supõe que sua qualidade de diferente já é conhecida ou é evidente em seus atos, ou pelo contrário, esta não é conhecida por quem o rodeia nem imediatamente perceptível a todos? No primeiro caso estamos diante da situação do ‘*desacreditado*’, no segundo diante da do ‘*desacreditável*’.”¹⁴

¹³ Goffman. *Estigma...* p. 160. Os grifos são meus.

¹⁴ Goffman. *Estigma...* p.14.

Goffman está evidentemente preocupado com a manipulação da identidade pelo indivíduo, com o “tato” e a “prudência” nas relações interpessoais. Em função desta última distinção, Goffman pode agregar que “as discrepâncias entre a identidade virtual e a real se produzirão sempre e sempre darão lugar a um necessário manejo da *tensão* (com relação ao desacreditado) e da *informação* (com relação ao desacreditável).¹⁵ Como se vê, o estigmatizado tem sobretudo uma necessidade> a de controlar a “informação” de seu estigma, principalmente quando este não é evidente (caso do desacreditável). Como se dá a “informação social” do estigma? Ela é a linguagem que permite distinguir o “normal”¹⁶ do “estigmatizado”. Comporta uma expectativa de uma unidade contraditória, o *eu-outro*, e carrega sempre um componente normativo em forma de estereótipo. Interessado em enfatizar o jogo de relações interpessoais, de simulação e ocultação da “visibilidade” do estigma, ou, na expressão de Gouldner, pela “astúcia por promover e manter uma concepção específica de si mesmo ante os demais”,¹⁷ a delimitação do conceito de “estigma” por Goffman se esquece de uma determinação que ultrapassa os participantes do jogo: a que decide o nível dos valores disputados como “normais” e negativamente afastados como “estigmatizados”. Ao abstrair as determinações da estrutura ideológica sobre os atores, não consegue explicar que motivos levam as pessoas a escolher e oferecer determinados si mesmos e não outros, e por que outros aceitam ou rejeitam o si mesmo oferecido.¹⁸

À medida que Goffman delimita o conceito de estigma segundo: a) a quebra de expectativas em relação ao “normal”; b) a “informação social” do estigma; c) a possibilidade de “controle de informação” pelo estigmatizado, parece inapropriado, em princípio, utilizar o conceito para definir a situação da mulher em nossa sociedade. Embora se use o conceito meramente como “atributo desacreditador”¹⁹ não me parece, entretanto, que neste caso precisássemos dele.

Resta ainda um ponto no conjunto da conceituação de Goffman que pode permitir algum uso. A “informação social” do estigma pode ser transmitida por qualquer símbolo (significante que expressa o significado pela relação não-arbitrária que possui com ele), chamado no caso, por Goffman, de

¹⁵ Goffman. *Estigma...* p. 160-1

¹⁶ Goffman define “normal” como “aquele que não se afasta negativamente das expectativas particulares que estão em discussão”. Goffman. *Estigma...* p. 15.

¹⁷ Alvin, Gouldner. *La crisis de la sociología occidental*, p. 349.

¹⁸ Este último argumento encontra-se em Gouldner, *op.cit.*, p. 351.

¹⁹ Cf. Maria Júlia Goldwasser, “Cria Fama e Deita-te na Cama”: um estudo de estigmatização numa instituição total, in Gilberto Velho. (org.). *Desvio e Divergência*, p. 29-51.

“símbolo de estigma”. Na medida em que não discute a questão, postulada por Saussure, da arbitrariedade do signo lingüístico, para Goffman, aparentemente, o “símbolo de estigma” possui as propriedades do estigma na mesma medida que uma balança exprime os predicamentos da Justiça. Uma cicatriz no rosto é uma cicatriz, mas pode ser também objeto ou símbolo de estigma. A cegueira, ao se constituir em objeto de estigma para seu portador, torna também a típica bengala de cego um veículo de “informação social” do estigma e, por conseguinte, símbolo de estigma.

A qualidade específica que distingue o homem da mulher é o *sexo*. Se aquele conjunto de atributos da “feminilidade”, que vimos anteriormente, refere-se em última análise a esta diferença natural, se é nela que se perpetua e se apresenta como “eterno feminino” um amontoado (coerente) de atributos de caráter, restaria saber o que pensam todos a respeito destas *diferenças* para que se pudesse saber se há ou não estigmatização nos atributos do “ser mulher”. Certamente isto implicaria, ao menos, uma revisão crítica da conceituação de Goffman, pois uma vez confirmada a conexão entre atributo e estereótipo, a situação de “*normalidade*” estruturada seria a de “ser homem”. Este é um ponto que me parece bastante problemático e para o qual não pretendo estabelecer uma reflexão maior neste trabalho.

Talvez Simmel ofereça alguma pista, embora metafísica. Num ensaio sobre “o masculino e o feminino”, ele afirma: “quase todos os estudos acerca das mulheres são em sua relação – real, ideal, estimativa – com o homem. Nenhum pergunta o que as mulheres são em si mesmas, o que se compreende facilmente pois as normas e exigências masculinas não valem como especificamente masculinas mas sim como objetivas, providas de um valor absoluto e universal. E como o que então se pergunta é só esta relação, como a mulher é considerada essencialmente ou exclusivamente *nesta relação*, resulta ao final que a mulher não é, em si mesma, *nada*”.

Por outro lado, se o estereótipo da feminilidade é normalmente manipulado pela mulher, que procura oferecer o “si mesmo” *feminino* quando o considera conveniente, o que rompe com o conceito de Goffman no caso é que a mulher só manipula tal estereótipo quando o considera positivo, prestigiante. Como efetivamente, na ideologia dominante, aquele conjunto de estereótipos da feminilidade não *aparece* necessariamente estigmatizador, mas, pelo contrário, como “encantador”, a possibilidade de empregar o conceito de estigma para a situação feminina parece então descabido.

Aqui está exatamente o deslocamento (do físico para o psicológico) funcionando para inverter e ocultar uma estigmatização que não pode aparecer *diretamente* nas relações interpessoais. Daí o constrangimento do gerente da firma em reconhecer que não ficava “bem” para uma mulher frequentar

canteiros de obras ou vender produtos que “só são aceitos com vendedores masculinos”. A *diferença* é cristalizada de tal modo que a exclusão social do “estranho” pareça decorrer da aceitação geral de um “si mesmo” oferecido pelas mulheres que se baseia num estereótipo “enobrecedor”, prestigiante, anti-estigmático. Em outras palavras, não pode haver estigma de ser mulher quando o “ser mulher” é... tão encantador!

Onde está o estigma, então?

O Passivo Sexual como Estigma

“Vatsya diz que assim é porque as participações no ato, assim como a consciência do prazer nos homens e nas mulheres, são diferentes. As diferenças em tais participações, onde os homens são agentes e as mulheres pacientes, devem-se à natureza do macho e da fêmea, pois de outra forma o agente poderia algumas vezes ser o paciente, e vice-versa. E desta diferença nas participações segue-se a diferença na consciência do prazer, pois o homem pensa: ‘esta mulher está ligada a mim’, enquanto a mulher pensa: ‘eu estou ligada a este homem’.”

Os Kama Sutra, de Vatsyayana

É interessante notar, no plano mais geral do *ethos* capitalista, a ênfase na iniciativa, no trabalho e na atividade em detrimento do ócio, da passividade. Esta antinomia ideológica “ativo/passivo” começa nos livros contábeis das empresas e se estende por todo o universo simbólico dominante, ora se transmutando em “ofensiva” e “defensiva” (como na estratégia militar), ora significando “agente” e “paciente”, “movimento” e “inércia”, “vivo” e “morto”. Entre os atributos da “feminilidade” encontramos praticamente o “passivo” em toda parte: no frágil, no tímido, no recatado, no sacrificado, no dependente, no masoquista... A própria posição e função sexual da mulher é designada como *passiva* pelo discurso dominante.

Se a este estereótipo vem reunir-se uma série de atributos desacreditadores e se criam as duas perspectivas, a do “normal” e a do “estigma”, temos então uma situação de estigmatização. Para Goffman isto se dá, de algum modo, a nível consciente para os atores envolvidos nas duas perspectivas, de modo que eles podem manipular a “informação social” do estigma para determinados fins. Isto implica conceber o “estigma” mais como “papel” existente de fato que como mero atributo desacreditador.

Proponho-me neste trabalho identificar a estigmatização de uma “função sexual” ou de seu desempenho. Para tanto pretendo constatar a existência de um atributo social desacreditador relacionado com um estereótipo do que seja a função biossexual da mulher. Este estereótipo está

construído sobre a associação entre a função biossexual feminina (que chamaremos aqui de “receptor” do pênis) com um conjunto de atributos desacreditadores e outros, de importância simbólica mais geral, e que chamaremos aqui de “passivo sexual”. A “informação social” do estigma passa através da linguagem, motivo pelo qual é na própria linguagem que se encontra o “símbolo de estigma” que pretendo estudar. O modo como se manifesta este “símbolo de estigma” dificilmente poderia ser análogo ao dos estudos de Goffman, uma vez que não é inteiramente consciente aos atores que o veiculam na linguagem, nem manipulável por eles. Isto leva a pensar que o próprio estigma não se reduz às relações interpessoais imediatas mas, pelo contrário, só existe nelas porque está no discurso cotidiano e na ideologia dominante.

O “normal” é associado ao estereótipo de “ativo” e o “estigmatizado” ao de “passivo”, correspondendo o primeiro à função sexual do heterossexual masculino e o segundo, à função sexual do heterossexual feminino. Por extensão, e numa ordem inversa, o homossexual masculino “passivo” e o homossexual feminino “passivo” corresponderão ao “estigmatizado”, e o homossexual masculino “ativo” e feminino “ativo” equivalerão ao “normal”. Não pretendo discutir aqui o modo pelo qual, no caso dos homossexuais, o estigma do “passivo sexual” se interliga ao próprio estigma de “homossexual”. Meu propósito é estudar o “estigma do passivo sexual” no discurso cotidiano, mesmo porque suponho que pode existir uma correlação muito significativa entre este estigma e a estigmatização (?) mais geral da mulher. Abstraio evidentemente as determinações infra-estruturais, tais como divisão do trabalho, classes etc., pois pretendo estudar o estigma em sua especificidade simbólica.

A identificação deste estigma, que por falta de outro termo, designaremos como do “passivo sexual”, dá-se em relação inversa à da manifestação das duas perspectivas (normal/estigmatizado) segundo Goffman. Em primeiro lugar, porque o lugar do *normal* é ocupado por uma ênfase nos atributos do ativo e não se define simplesmente como negatividade do passivo, isto é, da perspectiva estigmatizada. O que parece ocorrer, aliás, é o inverso, é o passivo que depende do ativo para ter existência simbólica.

O próximo quadro (Quadro 2) resume as duas perspectivas assinaladas:

Quadro 2: Perspectivas do Ativo e do Passivo

<i>Papel sexual</i>	<i>Perspectiva</i>	<i>Estereótipo</i>	<i>Atributo</i>
Heterossexual Masculino e “equivalente” homossexual	Ativo (eu)	“Transmissor” “Visitante”	Positivo Prazer
Heterossexual Feminino e “equivalente” homossexual	Passivo (outro)	“Receptor” “Anfitrião”	Negativo Dor

A mútua referência entre “passivo sexual” e o conjunto do comportamento sexual feminino (ou de seu “equivalente” homossexual) envolve uma distinção ideológica entre superioridade e vantagem do “ativo” em relação à inferioridade e desvantagem do “passivo”, representada já neste nível como “natural” e “imutável”. Observa-se, pela proposição contida no quadro que a estereotipia cria algo como um “receptáculo” para simbolizar os órgãos genitais femininos, seus equivalentes e sua função, e um “preenchedor” para exprimir os órgãos genitais masculinos, seus equivalentes e sua função. Interessante, neste ponto, recordar a associação simbólica que Freud reconheceu em seus trabalhos, quando o pênis é comparado “a objetos que têm, como ele, a faculdade de poder penetrar no interior de um corpo e causar feridas: armas pontiagudas de todo tipo, facas, punhais, lanças e sabres, ou também armas de fogo, tais como fuzis e pistolas, particularmente aquela que por sua forma presta-se especialmente para esta comparação, o revólver”. Do mesmo modo, Freud revela a associação da vagina a “todos os objetos cuja característica consiste em circunscrever uma cavidade na qual possa alojar-se algo: minas, fossas, cavernas, vasos e garrafas, caixas de todas as formas, cofres, arcas e bolsos”.²⁰ Por extensão, o mesmo ocorre com os demais equivalentes (ânus, boca, língua etc.).

Resolvi examinar empiricamente a proposição contida no quadro anterior. Para tal realizei algumas entrevistas aleatórias com homens e mulheres de diversas camadas sociais, moradores de quatro bairros importantes da cidade do Rio de Janeiro (Copacabana, Tijuca, Centro e Madureira). Ao todo, conversei com 46 pessoas, 20 mulheres, 20 homens, 4

²⁰ Cf. S. Freud. *Introducción al psicoanálisis*. In: Obras. II, p. 138.

homens que se declararam homossexuais e 2 mulheres que se declararam homossexuais. Apresentarei as respostas às perguntas dividindo-as pelos três “tipos sexuais” referidos:

1. Você é passivo?

Resp.	“Heterossexuais”		“Homossexuais”
	“Homens”	“Mulheres”	
Sim	–	8	2
Não	20	12	4

A pergunta foi propositalmente subjetiva, uma vez que pretendo compará-la com a segunda, aparentemente mais objetiva. A maioria das pessoas com quem conversei reclamou quanto ao seu objetivo, “passivo em relação a quê?” Mesmo assim, todos responderam, buscando associar ao “sim” e ao “não” as suas razões: “Sou muito preguiçosa. Preferi sempre escolher as coisas mais simples, mais fáceis pra não atrapalhar.” (mulher, 24 anos, respondeu “sim”). “Sou passivo porque sou meio mole, meio devagar, entende? Falo pouco, não tenho ambições, sabe como é?” (homem, 32 anos, respondeu “sim” e depois emendou para “não”: “Sabe de uma coisa, também não é assim: tenho mulher e dois filhos, trabalho o dia todo, resolvo mil problemas lá em casa, acho que estou exagerando minha moleza. Eu sou ativo sim...”).

“Esse negócio de achar que homossexual é passivo é preconceito. A maioria de nós somos passivos e ativos, a não ser alguns travestis, que só dão...” (homem, homossexual, 26 anos).

A uma empregada doméstica tive que explicar o significado de “passivo”, dizendo-lhe que era o contrário de “ativo”. Um trecho da sua resposta: “o homem sempre acha a mulher inferior, então a gente esforça para se mostrar que é igual, que pode decidir de tudo por tudo. Eu sou muito ativa, do contrário não podia me empregar e continuar no emprego. Eu não preciso de nenhum homem para me sustentar”. (mulher, 37 anos).

2. Você é passivo sexualmente?

Resp.	“Heterossexuais”		“Homossexuais”
	“Homens”	“Mulheres”	
Sim	–	11	1
Não	20	6	5
Não respondeu	–	3	–

Evidentemente não quis eludir a pergunta, mas obter as respostas coerentes com o desempenho cotidiano dos papéis sexuais tal como os respondentes o concebem. Não me interessam as suas respostas mas *como* me respondem, a mim, que ali simbolizo a Pesquisa, o Ponto de Vista Dominante, a Sociedade com a qual se defrontam, nos seus papéis, cotidianamente.

Novamente os homens foram unânimes em negar em si qualquer condição de “passivo”. A maioria dos homossexuais rejeitou a forma da pergunta, alegando que mesmo quando eram “passivos” sexualmente não deixavam de ser “ativos” (sexualmente ou não, no sentido mais abrangentes da pergunta anterior). As seis mulheres que responderam “não” acrescentaram razões semelhantes às dos homossexuais, criticando a forma da pergunta e a (provável) associação com a pergunta anterior. As demais, onze ao todo, disseram que “sim”, alegaram que era natural, como na resposta de uma comerciária:

“A mulher foi feita passiva pela natureza, ela é que tem que se entregar ao homem numa relação sexual. Já ouvi dizer que o homem gosta de mulher ativa (...) mas pelo que eu sei, eles gostam mesmo é de tomar conta da situação.” (mulher, 32 anos).

Duas das mulheres que não responderam alegaram não conhecer sexo e preferiam “não responder”, mas acrescentaram que geralmente a posição da mulher é passiva. A empregada doméstica, que também respondeu não saber, deu significativa explicação:

“A mulher nunca deve pedir pra ter relações sexuais com um homem, porque rebaixa, a mulher se sente humilhada com aquilo, e depois o homem vai usar contra ela: ‘- você é que me procura, você precisa de mim’, diz o homem.” (mulher, 37 anos).

Comparando as respostas às duas perguntas anteriores, depreendo que:

- a. o heterossexual masculino considera-se “ativo” em todas as acepções, rejeitando qualquer atribuição de “passividade” a si mesmo diante do entrevistador;
- b. o heterossexual feminino tem relativa consciência de que ser passivo é uma desvantagem, mesmo e principalmente no sentido amplo do termo. Mas no sentido estritamente sexual pode alegar que é uma desvantagem natural, ressaltando algumas vezes que a rejeitaria se fosse possível. Apenas duas mulheres disseram que gostam de ser passivas, “apesar de tudo”;
- c. o homossexual rejeita a expressão a ele aplicada, mas aceita, em parte, para a mulher. Uma mulher, homossexual, que respondera “sim” à primeira pergunta, respondeu “não” à segunda, alegando que para ela “isto é um pseudoproblema”.

Vejam as respostas a uma terceira pergunta, inteiramente subjetiva:

3. É “bom” ser passivo sexualmente?

Resp.	“Heterossexuais”		“Homossexuais”
	“Homens”	“Mulheres”	
Sim	6	7	6
Não	2	11	—
Não sabe	12	2	—

A maioria dos homens alega que não sabe. Seis responderam “sim” dizendo que as mulheres gostam; dois disseram que “não”, um deles garantindo que “elas se sentem humilhadas” (homem, 40 anos). A maioria das mulheres respondeu “não” e a resposta mais representativa desta posição ainda é a da empregada doméstica citada antes:

“É ruim a mulher dar pro homem. É chato. O homem sempre gosta, a mulher nem sempre. Ela se humilha. Ela perde seu orgulho. O homem é um

proveitador, sempre se aproveitando. (...) Em termos de sexo, o homem é inferior à mulher, não satisfaz ela. O homem goza logo e a mulher fica na mão.” (ri muito quando termina de responder).

Sete mulheres responderam que “sim”, alegando que sentem prazer nesta posição e que gostam de homem “dominando” (expressão repetida por mais de uma entrevistada). Os homossexuais, homens e mulheres, respondem todos “sim”. Um respondeu que “é ativo”, mas que tem “certeza que o parceiro gosta”. Ao todo apenas três pessoas disseram que discordavam da forma da pergunta, por motivos diversos.

Penso que o quadro da página 20 é relativamente representativo quando faz a distinção entre o “eu/outro” sexual, particularmente quando ao caráter “desacreditado” do “passivo”. Isto pode ser ainda examinado quando organizamos um quadro com as “definições” que os entrevistados deram, ao início da entrevista, a respeito do significado de “passivo” e “ativo” em geral. É importante detalhar que as respostas que compõem o quadro (Quadro 3) foram dadas *antes* de todas as outras, antes que percebessem a direção das perguntas ou o objetivo da pesquisa.

Quadro 3: Definições populares de “ativo” e “passivo”

Definição de “Passivo”	nº	Definição de “Ativo”	nº
“não reage”	(39)	“sujeito de ação”	(40)
“parado”	(36)	“enérgico”	(38)
“quieto”	(34)	“barulhento”	(06)
“mole”, “bobo”	(33)	“imponente”	(04)
“submisso”	(32)	“dominador”	(36)
“aceita tudo”	(28)	“impõe, resolve”	(18)
“aproveitam dele”	(22)	“tira vantagem”	(15)
“pra ele tanto faz”	(22)	“cara que faz...”	(35)
“idiota”	(18)	“vivo”	(22)
“fresco”	(09)	“homem”, “macho”	(30)
“viado”	(07)	“viril”	(23)
“medroso”	(08)	“corajoso”	(27)
“fraco”	(17)	“forte”	(16)
“covarde”	(06)	“agressivo”	(31)
“palerma”	(06)	“mexe com tudo”	(28)
“ignorante”	(03)		
“bunda mole”	(02)		

Observações: as expressões usadas para as definições foram dos próprios entrevistados. Reuni as mais constantes ou as mais expressivas para o estudo, buscando organizá-las no

quadro segundo sua “oposição”. Os números que se encontram diante de cada definição referem-se ao número de vezes em que foram repetidos. Foi pedido a cada entrevistado o maior número possível de respostas possíveis, daí o elevado número de definições. Apenas um entrevistado desconhecia o significado de “passivo”, sabendo, entretanto, o de “ativo”.

Um Símbolo do Estigma do Discurso Cotidiano

“A Mulher é mais compassiva que o homem, e se entrega mais facilmente ao pranto; ao mesmo tempo, porém, é mais ciumenta e mostra uma inclinação maior a queixar-se e a enganar. Do mesmo modo, é mais facilmente presa de desespero e menos confiada que o homem, mais desavergonhada e menos zelosa da honra, mais mentirosa, mais fácil de contrariar, e possui uma memória maior. Também é mais prudente, mais tímida, mais difícil de ir à ação, e exige uma quantidade menor de alimento.”

Aristóteles, *De animalis historia*

A dificuldade maior do conceito de “símbolo de estigma” proposto por Goffman diz respeito à sua “visibilidade”, isto é, “em que medida este estigma serve para comunicar que o indivíduo o possui”.²¹ O símbolo de estigma dá conta, em grande medida, da “informação social” de um indivíduo, “a informação que o indivíduo transmite diretamente sobre si mesmo”.²² Goffman, em seu trabalho, deu destaque aos “símbolos de estigma” efetivos e diretos, “aqueles signos especialmente efetivos para chamar a atenção sobre uma degradante incongruência de identidade, e capazes de quebrar o que de outro modo seria uma imagem totalmente coerente, diminuindo desta maneira nossa valorização do “indivíduo”.²³ Para ele, este símbolo identificador do estigma, por ser consciente aos agentes, pode ser manipulado, escamoteado por exemplo, pelo estigmatizado. Outras vezes, pela mesma condição consciente do estigma, o estigmatizado pode utilizar “símbolos de prestígio” que no caso funcionam como “desidentificadores”. É o caso, citado por ele, do

²¹ Cf. E. Goffman. *Estigma...* p. 63.

²² E. Goffman. *Estigma...* p. 8.

²³ E. Goffman. *Estigma...* p. 58.

“inglês correto” de um educador negro nortista que visita o sul dos Estados Unidos, ou de “óculos de grossas armações” utilizados por analfabetos para emular o estereótipo de homem de negócio, de intelectual, de músico etc.²⁴

Em suma, parece que Goffman constrói o conceito de “estigma” não propriamente sobre a existência de um atributo desacreditador, de um preconceito ou estereótipo dominante, mas sobre diversas modalidades de relações sociais cujos atores, conscientemente, manipulam estes atributos, mostram-no ou escondem-no em suas diversas manifestações. Dessa forma, o estigma aparece não propriamente na linguagem de atributos, mas na linguagem de relações em que tais atributos são manipulados.

Pode, no entanto, no discurso cotidiano, existir, sob forma determinada, uma linguagem de relações transferida para o plano da linguagem de atributos? Como Goffman enfatiza as relações sociais apenas no plano das identidades sociais, interindividuais, no jogo cotidiano de papéis, não se interessa por este aspecto, vamos dizer estrutural, do conceito de “estigma”. A questão pode ser resumida, então, assim: uma linguagem de atributos, veiculada no discurso cotidiano, não poderia estar reproduzindo, no plano simbólico, uma determinada forma de estigmatização sem que necessariamente o estigma aparecesse aos atores no plano das relações cotidianas? Por que o estigma não pode estar na própria linguagem de atributos, quando consideramos esta última como expressão ideológica de relações sociais estruturadas para além dos encontros interindividuais cotidianos?

Se isto é possível, os “símbolos de estigma” (que permitiriam as manipulações de “visibilidade” do estigma) não poderiam se identificar com as diversas formas de analogias e figuras de estilo que permeiam o discurso cotidiano, traduzindo aqui e acolá a presença do estigma na própria fala, nas conexões semânticas aprovadas e deferidas pela própria *langue* dominante? A este respeito, a própria etnometodologia parece ter uma concepção que facilita nosso questionamento de Goffman: encobrendo a conduta real há uma explicação sua, corrente, em termos de estruturas sociais – regras, expectativas, motivo e assim por diante. Aaron Cicourel, por exemplo, tem comparado a função da estrutura social na conduta com a função das gramáticas gerativas.²⁵ As gramáticas dizem tanto respeito ao discurso cotidiano que ninguém pensa nelas quando fala. “Semelhantemente, os elementos da estrutura social que fornecem os princípios básicos que as pessoas usam ao explicar suas atividades constituem meramente uma questão

²⁴ E. Goffman. *Estigma...* p. 59.

²⁵ Cf. Aaron V. Cicourel. The Acquisition of social structure. In: Jack Douglas. (Org.) *Understanding everyday life*. p. 136-68.

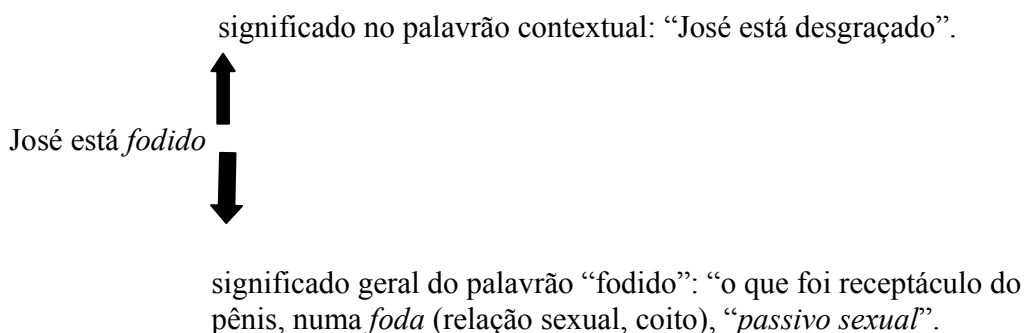
de conhecimento comum, a ponto de não estarem normalmente nas mentes conscientes dos participantes. Eles são “o que todos sabem” e são princípios de que se depende implicitamente.”²⁶

Proponho um novo deslocamento em nossa investigação. Das breves inferências esboçadas com as respostas dos entrevistados, passo agora a um outro *lugar* do discurso cotidiano, uma linguagem à margem da linguagem comportada, uma linguagem *suja* e (agora, por que não dizer?) estigmatizadora de quem a emprega a toda a hora, embora uma linguagem “que todos sabem”, um *et cétera* de tipo bem especial.²⁷ Reúno uma porção suficiente, penso que saturada, das conexões que preciso utilizar, e os ingredientes são *expressões de gíria* e *palavrões* de ampla circulação “restrita”. As expressões foram agrupadas inicialmente como um todo, depois classificadas de acordo com o interesse da pesquisa. Todo o trabalho, agora, está orientado no sentido de constatar a manifestação do “estigma de passivo sexual” através de um “símbolo de estigma” que só aparece nos deslizos do discurso cotidiano, sob a forma de metáforas e metonímias que, pensadas com consciência, constituem-se cruéis e surpreendentes, aparentemente negadoras do saber cotidiano dessas coisas. O símbolo de estigma não é tão consciente, nem tão manipulável. Está na *linguagem* que sai da zona, dos becos e esquinas do baixo-mundo e se espalha finalmente nos apartamentos e mansões da classe média alta e da burguesia cosmopolita, e nela se repete ritualmente, assinalando por detrás das sábias metáforas de um primeiro gigolô a violência simbólica de que se revestem, a referência amarga que fazem, a marca defeituosa que precisam apontar e cuja portadora *natural* é a mulher. Do mesmo modo, símbolos da “normalidade”, ou antes, “símbolos de prestígio” aparecem paralelamente, demarcando o lugar originário e sadio cuja malversação natural constitui-se na sua ausência do corpo feminino, cuja função potencial implica a submissão definitiva de quem não a tem. O corpo masculino e o feminino são os portadores de funções biossexuais demarcadas pela natureza e, como tal, representam em todos os seus contornos anatômicos o Alegre e o Triste, a Lisura e o Estigma, a Presença e a Cicatriz. A dialética dessas figuras está coroada pela *necessidade natural*, razão pela qual não devem aparecer tão contraditórias, mas suavemente complementares. A complementaridade suplanta e afoga a contradição, e o que é estigma torna-se Belo, Desejável, Atraente, e o que não é estigma torna-se Forte, Esperto e, se não Feio, não necessariamente Bonito.

²⁶ Citado em William Skidmore. *Pensamento teórico em sociologia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976. p. 346.

²⁷ Não emprego esta noção neste trabalho. Sobre o significado do *et cétera*, consultar Harold Garfinkel. *Studies in ethnomethodology*.

De que estou falando? Ingresso no terreno das metáforas e das metonímias porque é nele que está o símbolo de estigma. Contarei com a paciência do leitor em acompanhar-me no gráfico seguinte:



Este gráfico é uma simplificação do procedimento que faço com o conjunto de expressões de gíria e palavrões a seguir. O gráfico completo, assim como o modelo de análise empregado, estão anexados como Apêndice.

A expressão do gráfico é de muito uso no Brasil, aplicando-se sempre para designar situação de desgraça, pena, falência, prisão, morte violenta etc. A expressão está na voz passiva (“fodido”) mas quando tomamos o verbo no infinitivo (“foder”) o significado deixa de ser o de “paciente da desgraça” para se tornar o de “agente da desgraça”:

“... D... *se fodeu*. Bateu com a traseira do carro numa *pica* de estacionamento e não tinha carteira”.

“... J... *está fodido* de cuca, anda num desespero danado por causa da V...”

“... Eu estou sabendo que vou *me foder*, mesmo assim não tem outro jeito...”

“... *Fodido, fodido e meio*. Pior não fica; se fosse você eu tentava outra vez...”

e

“... Cuidado que ele tá querendo *te foder* o carro...”

“... Prepara, que eu vou *botar pra foder* neste carnaval...”

“... Acabo *fodendo* aquele cara pro resto da vida...”

“... Vou *te foder toda*, sua filha da puta” (aqui claramente ambíguo)

Há exceções, como no uso: “... Foi um jogo *fodido*, um dos melhores que a Seleção já jogou...” Mas são poucas. No conjunto, a ação de “foder” está associada a um significado ambíguo: “penetrar com o pênis” e/ou “ferir”, “desgraçar”, “vencer”, “praticar ato indesejável para quem o receber”, “arrebentar”. Expressão de gíria equivalente: “botar na pior”. Pode significar

“matar” quando expresso como no seguinte caso: “... passei a mão na máquina e *fodi* o filho da puta!...” ou no caso “... e ele tá querendo te *foder*, já andou dizendo aí que vai dar porrada e o escambau...” Por outro lado, “estar fodido” significa “estar desgraçado, na pior” e se associa ambigualmente à imagem do “passivo sexual”.

À medida que fazemos esta identificação sobre cada expressão de gíria, chegamos a um quadro com sete “ocorrências” básicas do “símbolo de estigma” na linguagem de gíria e palavrão. Para cada “ocorrência”, um significante e dois significados reunidos em analogia ideológica sob forma metafórica ou metonímica. A analogia ideológica, uma vez apreendida, denota indicadores de “prestígio” ou “estigma” para quem é sujeito (ativo ou passivo) da ação verbalizada. Esta classificação baseou-se em dois tipos de termos:

- a) termos que exprimiam ação ativa ou passiva (“termo verbal”);
- b) termos que exprimiam objeto e/ou qualidade da ação, mediante a substituição de substantivo por adjetivo (“termo predicativo”).

Os dois quadros básicos de ocorrência foram, então, organizados.

Sete Casos de Analogia com Termos Verbais

<i>Termo verbal</i>	<i>Duplo significado na frase</i>	<i>Indicadores</i>
1. “FODER” (ativo)	a) penetrar com o pênis em; b) desgraçar, ferir, arruinar;	Prestígio
2. “FODIDO” (passivo)	a) penetrado pelo pênis de; b) infeliz, ferido, desgraçado;	Estigma
3. “TREPAR” (ativo)	a) subir a, elevar-se, difamar a; b) realizar o coito em/com;	Prestígio
4. “COMER” (ativo)	a) ingerir, engolir, alimentar-se; b) penetrar com o pênis em;	Prestígio
5. “COMIDO” (passivo)	a) ingerido, engolido, destruído; b) penetrado pelo pênis;	Estigma
6. “ABRIR” (ativo)	a) desimpedir, descerrar, dar acesso; b) fraquejar, delatar, deixar-se vencer; facilitar, revelar segredo.	Estigma
7. “FECHAR” (ativo)	a) impedir, encerrar, completar; b) matar, fazer sucesso, colocar dentro, ultrapassar impedindo o outro.	Prestígio

Os vários significados, na gíria ou não, que cada termo pode ter, termina por refluir, de modo geral, para a ambigüidade assinalada, que coloca lado a lado o “ativo” e o “prestígio” e o “passivo” e o “estigma”. No caso de “trepar”, onde a indiferença do termo à qualidade do ator pode, à primeira vista, favorecer um uso pouco condizente com a antinomia assinalada, ocorre, entretanto, que o termo verbal é associado sempre à função do “ativo”, com raras exceções. É o caso, por exemplo, neste trecho de Lúcia MacCartney, romance de Rubem Fonseca: “... Lentes claras. Olhos frios, depravados. Já que tinha de trepar alguém, que fosse ela...” (p. 67). Quando se quer dizer que alguém é *proveitador* de outrem, diz-se: “... só vive *trepar* nos outros...”.

O significado dúbio de *comer* (como em *trepar*) pode também parecer indiferente a ativo ou passivo, mas o uso tende a ser o de empregar o termo para a função sexual masculina, como no trecho seguinte: “... os homens querem *comer* e ir embora. As mulheres não querem isso. Não. As mulheres gostam do amor...” (Ignácio de Loyola, *Bebel que a cidade comeu*, p. 140). Coerentemente, *comido*, *comida* refere-se ao passivo, à mulher: “... Exibia o anel no dedo médio... – Tu é burro mesmo. Isso no prego não dá nada. – Mas dá simpatia no meu dedo. Tou arranjando uma *comida*. Falavam naturalmente em mulher...” (Jorge Amado, *Capitães de areia*, p. 37).

Abrir, ativo ou passivo, é qualidade estigmática. O sentido é completo na expressão “... Fulano abriu as pernas...” que significa tanto que deu acesso ao homem quanto que fraquejou, deixou-se vencer. A mulher não participa do ato sexual, não o deseja; ela “fraqueja”, como é de seu “caráter”, ela “abre as pernas”, *deixa*, *permite*. A qualidade de *passivo* aqui é evidente. Mas o sentido se desdobra em variantes como: *Abrir-se* – “Abrir-se significa entre marginais confessar-se, dar com as línguas nos dentes, rachar-se. Entre ladrões que a gíria qualifica *da pesada*, abrir-se quer dizer separar-se de uma turma. Debandar.” (Ramão Gomes Portão, *Eu sou o Saponga*, p. 29). Abrir-se significa também “confidenciar”, “revelar segredo”, “falar francamente”.

Fechar é indicador de prestígio, quem “fecha” ocupa o espaço, é ativo: às vezes, pode significar “matar” (como “foder”): “... Ele tem uma quarenta e cinco alemão para alugar por três mil pratas!... Não, obrigado... Máquina faz escândalo e fecha logo...” (Hugo Moriani, *Saga dos marginais*, p. 109). Mas significa também “fazer sucesso”: “... Roberto Carlos pode ser considerado, sem a menor sombra de dúvidas, o melhor *show* do sereno guanabarrino. Está *fechando*, cantando o fino...” (Soeirno Neto, *Tribuna da Imprensa*, Rio, 27/10/1970, p. 10). Significa também “ultrapassar um veículo

e colocar-se à sua frente”: “... E o cara se mandou. *Fechando* todo mundo, cortando pelo caminho mais curto, andando como um leão. Um verdadeiro motorista de ônibus dirigindo um fusca...” (Alberto Eça, *O Jornal*, RJ, 25/1/1970, p. 3, 2º cad.).

A análise dos “termos verbais” pode se completar quando passamos para os “termos predicativos”, geralmente substantivos que passam a denotar adjetivos:

<i>Termo predicativo</i>	<i>Duplo significado na frase</i>	
1. “FODA”	a) coito, relações sexuais; b) dificuldade, perigo, extraordinário.	(Ambíguo)
2. “BABACA”	a) vagina; b) bobo, idiota, molenga.	
3. “CARALHO/CACETE”	a) pênis; b) façanha, bom, prestígio, difícil, arma.	Prestígio
4. “PORRADA”	a) ejaculação de esperma; b) surra, quantidade grande.	Estigma Prestígio
5. “BUNDA”/”CU”	a) nádegas, ânus; b) feio, “babaca”.	Estigma Indicadores

Aqui fica evidente que os órgãos genitais masculinos conferem ao seu portador o significado de “prestígio”, enquanto que os órgãos sexuais femininos (ou seus correspondentes homossexuais) constituem “símbolos de estigma” na linguagem de gíria e palavrões. O coito, chamado de “foda”, tanto pode significar no palavrão algo difícil, perigoso, quanto algo extraordinário, heróico. “Fulano é Fogo!...” ou “Fulano é *Foda!*”, mas também: “... Dirigir desse jeito é *foda!*...” ou: “... Cuidado, que essa subida é *foda!*”. Interessante observar que o termo verbal passivo “fodido” pode significar algumas vezes o mesmo que “foda” naquele sentido de “extraordinário”: “Pô, fulano é *fodido!* Ganha todas as mulheres...” Neste caso, aparentemente o auxiliar

contrabalança a voz passiva, é isto, é aquilo; quando se usa *está* assim, está assado, o significado retorna ao passivo, se estigmatiza: “fulano *está fodido*, *está desgraçado!*”

“Babaca” significa duplamente vagina e otário, idiota. “... – Não vê que ela tá chorando? Eles pararam um momento. Mas Volta Seca falou: - E nós com isso? A *babaca* é a mesma...” (Jorge Amado, *Capitães de areia*, p. 192). neste trecho de Plínio Marcos, significa otário, idiota: “... o garoto chegou a pensar que o pai era um loque dos mais *babacas* de topar aquela parada...” (Plínio Marcos, *Última Hora*, 24/8/1969, p. 10).

Quando se quer dizer que uma coisa é boa, uma façanha, diz-se que “é do caralho!”, ou “É do cacete!”. Em outro sentido, usa-se para significar o mesmo que “*porrada*”: surra. “... Vou lhe *dar uma porrada*...” ou “... Vou lhe *dar um cacete*...”, e, no passivo, “levou a maior *porrada*” ou “levou um *cacete* daqueles!”. “*Porrada*” ou “um *cacetão* de” são usados também para significar “*grande quantidade de*”. “Daí entram numa dessas e tiram o time de campo. Inventam um *cacetão* de desculpas...” (Plínio Marcos, *Diário da Noite*, São Paulo, 5/1/1970, p. 13).

“Bunda” é usado tanto para nádegas quanto para “feio”, “idiota”, “mal-feito”, “babaca”. “Cu” é “feio ao extremo”, “último colocado”, “fim, final”, como “fulano é o cu do mundo”, ou “sicrano é um cu”. Significa principalmente “desprezível” neste último caso.

Não fiz constar dos quadros os termos cuja significação isolada é ambígua mas que, dependendo de sua função ativa ou passiva na frase, variam para significações opostas. É o caso, por exemplo, dos termos verbais que relacionamos no quadro seguinte.

<i>Termo verbal</i>	<i>Dupla significação contextual</i>	<i>Indicadores</i>
1. “DAR”	a) lançar, produzir, bater b) doar, oferecer, conceder	Prestígio Estigma
2. “APANHAR” (= tomar)	a) colher, obter, aproveitar b) suportar, receber, perder	Prestígio Estigma

Aqui ocorrem mudanças de significado sempre que o verbo se refira a situação passiva ou ativa. “Dar”, por exemplo, tanto pode significar “oferecer” (“... Acabou *dando* tudo pros guardas...”)

ficar na situação de “passivo sexual”, i.é, “receber o pênis” (“... Fulana deu pra Sicrano...”); pode significar, entretanto, “bater, fazer, agir”: “... Fulano *deu* uma porrada em Sicrano...”, ou “... José *deu* um cacete em Maria...”. Quando isolado, tende a significar “passivo” e refere-se a uma situação estigmática; quando reunido a um termo predicativo “ativo” (porrada, cacete) o que é *dado* é suficientemente forte para “quebrar” o significado isolado original e modificar o sentido do verbo para uma situação de prestígio. No significado estigmático, novamente o “passivo” se associa ideologicamente ao “entregar-se”, “confessar-se”: “Só dei o roubo no cambau...” (R.M. Portão, *Eu sou o Saponga*, p. 42) e “... Prometera *dar*, se não encontrasse até os vinte o homem de quem gostasse...” (Ignácio de Loyola, *Bebel que a cidade comeu*, p. 125). Há inúmeras variantes com termos predicativos, como:

“DAR DURO” – trabalhar muito. “... Preferia trabalhar como sempre trabalhou, dando duro de ficar cheia de varizes...” (Elza Soares, *Minha vida com Mané*, p. 28).

“DAR DURO EM” – perseguir tenazmente. “... Deram duro na quadrilha que realizou 50 assaltos na Mooca.” (R.M. Portão, *Notícias populares*, SP, p. 11).

“DAR EM CIMA DE” – perseguir, procurar conquistar. “... Um tal de Aikon, que resolveu *dar em cima* de minha pequena...” (Paulo Mendes Campos, 80 crônicas exemplares, p. 197).

Existem variantes bastante curiosas tanto com termos verbais quanto predicativos não visto aqui especificamente. Assim, o termo “gozar” significa “obter prazer”, mas pode significar também “fazer troça, zombar”. Uma situação ou pessoa “gozada” é semelhante a algo ridículo, que provoca risos (“...quando ele fala, todos zombam e dão as maiores *gozadas* do mundo...” – *Diário de S. Paulo*, 1/3/1970, p. 10). O termo é muito aplicado também à satisfação sexual proveniente do orgasmo.

O termo “entrar bem”, que literalmente significa “penetrar com sucesso, ou até o fim” quando associado à situação de passivo se estigmatiza e significa “dar-se mal”, como variante de outro termo de gíria (“entrar pelo cano”). Outras variantes são:

ENTRAR DURO EM: investir contra
 (“... E logo a seguir Cooper entra duro em Jair, que cai...” (*Última Hora*))

ENTRAR NO COURO: ser espancado
 (“... toda vez que passassem entravam no couro...” (José Mauro de Vasconcelos, *Rua descalça*, p. 10))

ENTRAR PELO CANO: ser derrotado, ficar em má situação

(“... Dez mil pessoas, inclusive o delegado local e o vigário, entraram pelo cano em Foz do Iguaçu, no Paraná, num golpe por atacado...” (*Visão*).

O significado de “entrar” na primeira expressão é mesmo “penetrar”, mas nas duas últimas, “entrar” significa “receber, apanhar” quando associado às preposições *pelo, no*, etc. Quanto ao significado de “entrar no couro”, ele se associa a “dar no couro” (= bater, surrar, mas também “comer”, “foder”, “trepar”, penetrar com o pênis no ato sexual). “Não dar no couro” significa evidentemente impotência. O conjunto desses termos predicativos remete necessariamente a uma mesma analogia ideológica, que se repete incessantemente em todos os exemplos do tipo que vimos até aqui.

<i>Papel sexual</i>	<i>Duplo significado contextual</i>	<i>Indicador</i>
ATIVO: Pênis	Comer, Bater, Vencer, Fazer	Prestígio
PASSIVO: Vagina Ânus	Dar, apanhar, Perder, Deixar	Estigma

Todos os objetos relacionados simbolicamente com o pênis são de forma densa, pesada, forte, agressiva, invulnerável (“Pau”, “Cano”, “Barra”, “Ferro”). Servem como símbolo de vitória e prestígio, mas denotam dificuldade e heroísmo. Os símbolos para a vagina (ou o ânus) são intrinsecamente pejorativos, recordam ação indesejável, são feios e devem ficar sempre escondidos (“Fossa”, “Segredo”, “Boca”, “Moleza”, “Boceta”). Na gíria, “fossa” é situação de depressão, de desgraça íntima; “Boca” é aplicado a local onde se reúnem prostitutas, malandros, bandidos. Pode significar também oportunidade, chance (“não perca essa boca, malandro!”). É interessante associar “Boca” e “segredo”, como faz a expressão: “Boca-mole” que significa “delator”. Muitos outros quadros de analogia podem ser montados, tomando como critérios tipos predicativos de *Alimentação* (Banana, Pão, Doce, Fruta), de *Animais* (Bicho, Bicha, Ganso, Galo, Galinha, Frango, Viado), *Correspondências Físicas* (Grande, Pequeno, Duro, Mole, Quente, Fresco, Molhar, Enxuto, Grosso, Fino, Corpo, Vazio). Isto nos remete a uma

verdadeira *mitologia underground*, um sobremundo de significantes e significados cujo desvendamento estrutural (no sentido mesmo da análise estrutural do mito em Lévi-Strauss) ainda está por ser feito.

Como deixar de perceber a antinomia ideológica básica que estamos tentando estudar, quando se sabe que, na gíria, “homem” significa “polícia”, “autoridade” (“... os *home* estão chegando...”), enquanto “mulher”, sem mais nada, significa “puta”? Mesmo quando se tem em mente que muitas das referências pejorativas e estigmatizadoras ao passivo sexual podem estar referidas originariamente ao homossexual masculino “passivo”, como deixar de notar que, na gíria, quando se quer caracterizar a mulher, se diz: “mulher é burra”, “mulher só serve pra atrapalhar”, “mulher não sabe dirigir carro”, “mulher não sabe guardar segredo”, etc., o que se está a dizer da mulher é o *naturalizar* de uma “ignorância”, de uma “subordinação” que parece diretamente associada à sua *condição sexual*. No caso do homossexual, usos como “todo viado é traíçoeiro” ou “todo viado é mentiroso” parecem referir-se antes a uma “traição” e a uma “mentira” que o homossexual masculino passivo representa em relação à sua condição sexual “natural”, que é a de homem. Seu agir é estigmatizado antes por *trair* sua condição “natural” de *macho* do que propriamente porque mantenha relações com pessoas do mesmo sexo “natural”. É interessante, neste caso, observar que o homossexual masculino chamado de “ativo” não é tão estigmatizado quanto o chamado “passivo”. A identificação de “viado” é de “quem *dá* pra outro homem”. O que “come” não é necessariamente identificado como “viado”, não é homossexual, não entra diretamente na classificação, não “trai” tanto assim seu papel sexual original, sua “condição natural” determinada. Pode até, em certas situações, ser motivo de relativo “prestígio” *contar* que “comeu um viado”, o que pode significar, neste contexto, que o rebaixou, que o estigmatizou, que o “fodeu”. Neste aspecto, a situação *eu-outro* descrita por Goffman parece mais consistente na veiculação da “identidade social” do macho como negação do “afeminado”. Se, em parte, no caso do homossexualismo, cabe utilizar os instrumentos conceituais produzidos por Goffman, como pensar os limites dessa conceituação quando nos defrontamos com o homossexualismo como uma espécie de caso particular do estigma mais geral do “passivo sexual”? Como caricatura da mulher, o *travesti*, por exemplo, representaria, até às últimas conseqüências, não só a incorporação *radical* do paradigma da feminilidade fundado no estigma de “passivo sexual” como também sua negação *debochada*, explosiva.

Apêndice [da edição original]

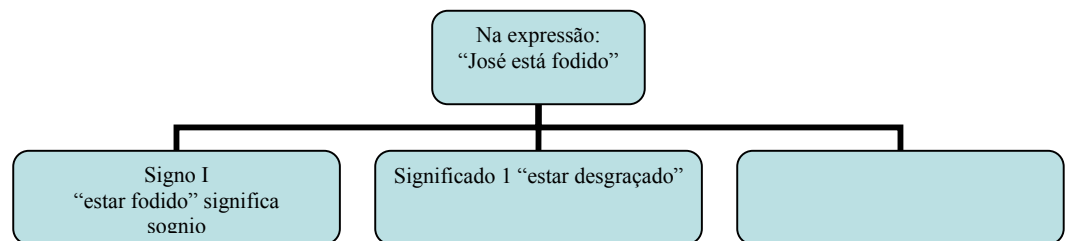
O mecanismo de ocultação do “estigma de passivo sexual” e de seus “símbolos de estigma” na linguagem cotidiana processa-se de modo semelhante à ocultação de um significado sob outro na linguagem em geral, segundo duas figuras de retórica fundamentais: a *metáfora* e a *metonímia*. No dizer de Roman Jakobson, “um tema pode levar a outro, quer por similaridade, quer por contigüidade. O mais acertado seria falar de processo metafórico no primeiro caso, e de processo metonímico no segundo”, (*Essais de Linguistique Generale*, p. 61).

No caso do estigma assinalado, encontramos em número maior a utilização corriqueira de um mecanismo de ocultação semelhante à metáfora. Por isto, desenvolvemos nosso modelo de análise das expressões de gíria e palavrões considerando tal mecanismo como predominantemente metafórico.

No *Petit Larousse*, a metáfora é assim definida: “s.f. (grego *metaphora*, transporte). Procedimento pelo qual se transporta a significação própria de uma palavra a uma outra significação que só lhe convém em virtude de uma comparação subentendida”. Jacques Lacan, que utiliza o reconhecimento da metáfora para compará-lo à estrutura das formações inconscientes, define este termo como “a implantação, numa cadeia significante, de um outro significante pelo qual aquele que esse suplanta cai na posição de significado e, como significante latente, perpetua ali o intervalo onde uma outra cadeia significante pode ser enxertada” (*Écrits*, p. 798). Em outro texto, Lacan acrescenta: “é a possibilidade de eu me servir de uma língua existente para significar algo totalmente diferente do que ela diz. Função mais digna de ser sublinhada na palavra do que a de disfarçar o pensamento... do sujeito”. (*A Instância da Letra no Inconsciente*).

Roland Barthes, expondo o conceito estrutural de *mito*, compara-o da mesma maneira ao mecanismo da linguagem ao afirmar que “o mito é um sistema particular (do esquema tridimensional semiológico) que se edifica a partir de uma cadeia semiológica particular que existe antes dele: é um sistema semiológico segundo. O que é sinal no primeiro sistema, torna-se simples significante no segundo”. (*Mitologia*, cap. “O Mito, hoje”). O mito é assim uma meta-linguagem, “uma segunda língua na qual se fala da primeira”. Barthes, desta forma, compara o mecanismo do mito ao do *álibi*, mas de um *álibi* perpétuo porque não possui uma verdade para sanção, ele é a única verdade, o próprio valor.

Tendo em conta todas estas pistas, construímos o seguinte modelo de análise que empregamos no “desvendamento” de “símbolos de estigma” interiorizado no discurso cotidiano, particularmente nas expressões de gírias e palavrões (ver diagrama abaixo):



Movimento do gráfico: o signo I (“fodido”) é transformado em significante III do signo III (“fodido” com sentido distinto e ambíguo). O significado I é associado ao significado II (“desgraçado”) e este último passa a predominar no signo III, no contexto estudado, utilizando para isto o signo I como significante de um novo significado.

BIBLIOGRAFIA

- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo sexo*. São Paulo, Difel, s/d.
- BENDIX, Reinhard. *Max Weber*. Buenos Aires, Amorrortu, 1970.
- CICOUREL, A.V. The acquisition of social structure. In: DOUGLAS, Jack, org. *Understanding everyday life*. Chicago, 1970.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973. 3 t.
- GARFINKEL, H. *Studies in ethnomethodology*. New Jersey, Englewood Cliffs, 1967.
- GISSI, Jorge. El mito de la femineidad. *Opresión y marginalidad de la mujer*. Buenos Aires, Humanitas, 1976.
- GOFFMAN, Erving. *Stigma. Notes on the management of spoiled identity*. New Jersey, Prentice-Hall, 1963.
- _____. *Estigma – la identidad deteriorada*. Buenos Aires, Amorrortu, 1970.
- _____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Rio de Janeiro, Vozes, 1976.
- GOLDWASSER, M.J. Cria fama e deita-te na cama! In: VELHO, Gilberto, org. *Desvio e divergência*. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.
- GOULDNER, Alvin. *La Crisis de la sociologia occidental*. Buenos Aires, Amorrortu, 1973.
- KLEIN, Viola. *El Carácter femenino*. Buenos Aires, Paidós, 1971.
- MEAD, Margareth. *Sexo e temperamento*. São Paulo, Perspectiva, 1969.

_____. *Macho e fêmea*. Rio de Janeiro, Vozes, 1972.

ERIS, Ira. Toward a sociology of the heterosexual relationships. *Welfare*, 5 (3) 1959.

RUITENBECK, H.M. *El Mito del machismo*. Buenos Aires, Paidós, 1970.

SEWARD, G. *Sex and the social order*. New York, McGraw-Hill, 1946.

SHELKY , Helmut. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968.

SIMMEL, Georg. *Cultura feminina y otros ensayos*. Madrid, Revista de Occidente, 1934.

SKIDMORE, W. *Pensamento teórico em sociologia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Organizados por C. W. Mills e Hans Gerth. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.

Fontes de expressões de gíria e palavras citadas:

Além do que recolhi diretamente do linguajar popular, recorri com muita frequência (principalmente nas citações extraídas de obras literárias, artigos de imprensa, etc.) ao *Dicionário de gíria brasileira*, de Euclides Carneiro da Silva, Rio de Janeiro, Bloch, 1973.

Apêndices à 3ª. edição

Revisitando um certo Estigma.*

Revejo a dedicatória que Herbert Daniel me escreveu em seu livro:

“Ao mestre, com carinho. Pois você me ensinou do estigma o que antes de saber, senti”.

Dedico à sua memória essa visita ao velho tema.

Michel Misse

Em 1999, o Grupo Atobá convidou-me a expor e debater, em sua sede no Rio, um antigo trabalho meu, esgotado e não reeditado há duas décadas.²⁸ Fiquei surpreso com o convite, logo aceito, já que imaginava que o livro estivesse esquecido, embora tivesse feito algum sucesso em seu tempo, a ponto de ter sido selecionado para constar entre os livros regularmente recomendados pelos jornais alternativos “Lampião da Esquina” e “Luta & Prazer”, no início dos anos 80. Pensava também que as questões tratadas no livro já estivessem superadas pelos avanços alcançados pelo movimento gay e pelo feminismo em relação aos estereótipos e preconceitos machistas que – apenas por inércia – persistiriam ainda hoje na língua falada, no discurso cotidiano dos brasileiros. As metáforas que eu então analisara teriam perdido continuamente sua força estigmatizante, permanecendo crescentemente residuais na linguagem.

Meu amigo Marco Antônio da Silva Mello estimula-me, agora, por ocasião das comemorações do centenário de “Algumas Formas Primitivas de Classificação”, de

* Conferência feita por ocasião das comemorações do centenário da publicação de “Algumas formas primitivas de classificação”, de E. Durkheim e M. Mauss, realizada pelo Departamento de Antropologia Cultural do IFCS-UFRJ em 3 de junho de 2003. Agradeço ao convite formulado pelos organizadores, profs. Emerson Giumbelli e Marco Antônio da Silva Mello.

²⁸ Misse, Michel (1979). A primeira edição de “O Estigma do Passivo Sexual” foi publicada no Rio de Janeiro, pela Editora Achiamé e pelo Socii, em 1979. A segunda edição saiu pela mesma editora em 1981.

Durkheim e Mauss, a retomar, trinta anos depois de escrita a sua primeira versão, as questões implicadas naquele trabalho, cuja terceira edição agora se anuncia. Para isso, precisarei recordar o conteúdo principal do ensaio e os problemas de interpretação que ele poderia ainda representar para uma reflexão sobre sistemas classificatórios nativos e analíticos.

O livro aplicava um modelo de análise estrutural sociolinguístico (com tinturas lacanianas) à análise de expressões de gíria e palavrões recolhidos no linguajar ordinário e na literatura brasileira visando detectar no discurso cotidiano indicadores de um estigma na representação social de papéis sexuais. Tomando um célebre livro de Erving Goffman como referência conceitual (Goffman, 1970), eu argumentava que um certo estigma, que denominei de “passivo sexual”, comparecia na linguagem, mas não se mostrava abertamente (a não ser a respeito de homossexuais masculinos) e que, antes de ser decorrente da “troca de papéis” atribuída aos homoeróticos, era-lhe antecedente, isto é, tinha a ver com a construção social do status da mulher no campo mitológico e imagístico da sexualidade ocidental. Minha hipótese é que esse estigma se estenderia, em decorrência, e de forma mais evidente, à perda de status do “homem que dava”, isto é, do homossexual masculino tal como este comparecia na representação social dominante no Brasil. Observem que eu falo do “homem que dava” e não da “bicha” ou do homem que gosta de outros homens. Pois a questão estava exatamente aí e não em outro lugar.

Quando publiquei “O Estigma do Passivo Sexual – Análise de um Símbolo de Estigma no Discurso Cotidiano”, em 1979, eu sabia, evidentemente, que tocava num assunto muito delicado, complexo e então inédito na bibliografia das ciências sociais. Não se tratava exatamente de um estudo sobre homossexualismo no Brasil (assunto também pouco estudado naquela época, sob o qual o livro acabou por ser – sintomaticamente - quase que inteiramente assimilado), mas do *status* que gozava, no Brasil, o que se poderia chamar de uma certa *posição* no ato sexual, supostamente *feminina por natureza* e de sua extensão *explicitamente estigmatizante*, na representação social, aos chamados *invertidos*, isto é, aos homossexuais ditos “passivos”. Baseava toda a argumentação na reiteração, em múltiplas variantes de palavrões e expressões de gírias, da analogia entre “estar fodido”, no sentido passivo em que o “coitado” está desgraçado, e “botar pra foder”, no sentido ativo prestigiante de quem é “foda”. Do cacete, é prestigiante; babaca, bunda, cu – estigmáticos.

A pesquisa fora realizada em 1973, quando eu tinha 22 anos, como trabalho final de uma disciplina do curso de graduação, no IFCS-UFRJ, sem qualquer orientação acadêmica formal, e retomada em 1976, quando eu já fazia o Mestrado em Sociologia no IUPERJ. O trabalho foi muito bem recebido por Edmundo Campos Coelho, então meu professor de Metodologia, que o queria publicar na *Dados*, prestigioso periódico sociológico brasileiro. Preferi publicá-lo como livro na coleção “Textos Paralelos”, quando eu dirigia uma das primeiras *ongs* brasileiras, o SOCII – Pesquisadores Associados em Ciências Sociais -, que funcionava na Rua da Lapa, no Rio de Janeiro.²⁹

Luiz Mott, um dos primeiros cientistas sociais a citar o livro como referência no assunto³⁰ tratou-o como se tivesse sido minha tese de mestrado (naquela época chamava-se “tese” e não “dissertação”, como hoje). Enganava-se, fôra apenas *paper* de final de curso. Sua novidade e repercussão, no entanto, surpreenderam-me. Em 1978, antes de sua publicação, já era discutido em grupos feministas ou no circuito homossexual. Três anos após sua publicação, soube que o antropólogo Peter Fry, que acabava de publicar um livro que abordava o homossexualismo no Brasil³¹, incluía meu trabalho na bibliografia de seus cursos de pós-graduação na Unicamp. Em 1980, Eduardo Neiva Jr. e Mônica Rector, professores da área de Letras e Comunicação, convidaram-me a apresentá-lo em um Simpósio de Semiologia na PUC do Rio de Janeiro, por conta da análise de gírias e palavrões que constituía o principal argumento do livro. Na ocasião, lembro-me que o poeta e escritor Afonso Romano de Sant’Anna, que assistiu à exposição, comentou que algumas das figuras de retórica incorporadas às nossas gírias e palavrões não eram originalmente nossas, mas importadas dos americanos ou dos franceses: um estigma colonizado. Como meu trabalho não era comparativo e nem sustentava a originalidade pátria do seu objeto, não fiz qualquer objeção ao seu comentário. É interessante lembrá-lo agora, como veremos mais à frente, pois nunca mais voltei a debruçar-me sobre esse tema.

Qual não foi a minha surpresa – duas décadas depois – quando, ao ser apresentado pela minha colega, a antropóloga Yvonne Maggie (que fôra minha professora na graduação), a James Green, autor de uma portentosa tese de doutorado sobre o homossexualismo no Brasil, ouvi-o referir-se ao meu livro como “pioneiro”, entre outras

²⁹ Sobre o Socii, consultar Cepeda, Alejandro H. (1992).

³⁰ Mott, Luis (1980).

³¹ Fry, Peter (1982).

razões, por indicar (sem que então eu soubesse) uma diferença importante entre o homossexualismo brasileiro e o norte-americano, já que nos Estados Unidos, ao contrário do Brasil, segundo ele, não se relevaria tanto, no estigma do homossexual, a negação do homem “que dava”, mas principalmente a negação (genérica) do “homem com outro homem”, isto é: lá nos States, a questão não seria o “passivo sexual” mas o homossexualismo enquanto tal, pouco importando a *inversão*.

Peter Fry, hoje meu estimado colega no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do IFCS-UFRJ, publicou em 1982 seu livro “Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira”. Nele, e num excelente artigo que publicara antes na revista “Religião e Sociedade”, ele apresentava os resultados de sua pesquisa realizada nos anos 70 sobre o assunto. Na mesma época, estivemos trabalhando sobre temas muito próximos, mas não nos conhecíamos e nossos trabalhos ainda não tinham sido publicados. As abordagens foram em parte diferentes, em parte não. Vindo da antropologia inglesa, Peter estava interessado em detectar as classificações dos papéis sexuais segundo as categorias nativas: “homem” e “bicha”, que distinguiam o que também na categorização nativa (pelo menos no sul e no sudeste) compareciam como os papéis “ativo” e “passivo”, respectivamente. Como eu, Peter Fry reconhecia que a diferença ativo/passivo abarcava toda a sociedade brasileira e não apenas as áreas mais tradicionais (norte, nordeste e regiões rurais) quando se tratava de classificar homossexuais (mais tarde, ele detectou mudanças³²). No meu trabalho, o interesse não era exatamente estudar o sistema de papéis, mas o que detectava como um *pressuposto de classificação mítico-estrutural* que lhe antecedia e que se reiterava na linguagem. Esse pressuposto comparecia, nesse caso, como um estigma que se construía sobre uma “uma representação de posição no ato sexual” (a mesma que servia como referência para distinguir os tais papéis e, por conseqüência, o estigma de homossexual no Brasil). Talvez uma sutileza, mas simbolicamente investida de importância quando se tratava de analisar a estrutura mítica que informava e preenchia de sentido o linguajar popular da gíria e dos palavrões.

Na segunda metade dos anos 70, Michel Foucault começa a publicar sua “História da Sexualidade” e novamente outra surpresa para mim: ele detecta a importância da diferença ativo/passivo na sociedade antiga clássica (Grécia e Roma), mesmo quando o

³² Idem, *ibidem*.

homoerotismo não era tão estigmatizado quanto na sociedade moderna. O que isso podia significar? Quando o li, nos anos 80, já estava afastado do tema e não pretendia retomá-lo, mas não pude deixar de notar a complexidade simbólica que o revestia.

O meu livro foi relativamente bem citado, nos anos 80, em apoio a teses tanto sobre feminismo, quanto sobre o homossexualismo masculino e feminino. Mas a partir dos anos 90, novos e estimulantes estudos e pesquisas, alguns dos quais de uma perspectiva homossexual “politicamente correta”, passaram a detectar mudanças na sociedade brasileira: a crescente afirmação da identidade gay estaria implodindo o modelo dicotômico ativo/passivo. Apenas nas áreas rurais e talvez no Norte e no Nordeste a dicotomia se manteria, mas mesmo assim ela seria “simplificada demais” quando a realidade seria mais complexa (Parker, 1992; 1995; Murray, 1995; Green, 2000). É verdade, este é um tema muito complexo. A começar pelo fato de que em meu livro em nenhum momento o modelo dicotômico pretende extinguir sua complexidade, apenas ressaltar seu núcleo estereotipado *para quem não se representa como gay*, isto é, para o chamado homem “verdadeiro” ou, se preferirem, para a ideologia dominante. No entanto, mesmo entre os gays (e a recepção do meu livro entre os gays é sintomática, ainda hoje) a dicotomia continua a ser uma referência de tensão no pedaço e o estigma do passivo pode ser ainda uma realidade social apesar do positivo avanço do movimento. Como rompê-la fora do circuito homoerótico se ainda se conserva dentro? Será que a questão pode ser esgotada apenas como uma questão pertinente ao mundo dos homens que gostam de outros homens? Ou pela denúncia de que não é mais (ou nunca foi) pertinente a esse mundo? E o que acontece com as mulheres que “gostam de dar”? Não há nada disso (ou nunca houve) no caso delas? Elas deixaram, para a sociedade abrangente, de ser “piranhas” ou “galinhas”? Para um homem, ser “galinha” pode ser um elogio... uma forma de mostrar que é um homem “verdadeiro”. Para um gay também, paradoxalmente. E para as mulheres? É legal uma mulher ser “galinha”?

Muitos anos depois, em 1996, o antropólogo Roberto da Matta comentou criticamente meu livro comigo. Disse-me que o problema principal do livro tinha sido eu me apoiar em Goffman. Conhecedor que sou de suas teses sobre o “dilema brasileiro”, deduzi que Matta referia-se à diferença entre o individualismo igualitário norte-americano, suposto suporte do conceito de estigma na obra de Goffman, e a cultura hierárquica

brasileira, onde conceitualmente o conceito de estigma estaria “fora de lugar”, já que não se choca com a distribuição hierárquica dos papéis sexuais. Meu livro faria sentido nos Estados Unidos, caso esse estigma existisse lá, mas não no Brasil, onde o que existe em relação ao “passivo sexual” não poderia ser chamado exatamente de um “estigma” mas de um status numa compreensão hierárquica de papéis. Não posso responsabilizá-lo por toda essa minha dedução, já que não cheguei a apresentá-la a ele. Eximo-me, portanto, de discuti-la aqui.

Ao relembrar tudo isso, neste depoimento, não posso deixar de lado a questão levantada por Afonso Romano de Sant’Anna, sobre a relação colonizada dos palavrões brasileiros com certos palavrões anglo-saxões, mas numa direção diferente da que ele talvez pretendesse alcançar ao colocá-la naquela tarde semiológica da PUC. O modelo de análise que apliquei em meu livro tomava como paradigmática uma expressão do tipo “eu vou foder com você”. Em bom português, mesmo com Wittgenstein anotando em seu caderno marrom a necessidade do “contexto”, a expressão tanto pode significar que “eu vou fazer sexo com você”, como pode significar “eu vou comer você”. Até aí tudo ótimo, estamos na mesma e vai ser legal. Mas – dependendo dos gestos, dos sinais faciais e dos movimentos corporais postos na locução – ela também significa “eu vou destruir você”, “eu vou acabar com você”. Ainda há um significado muito erótico, e nisso minhas fantasias SM podem, curtindo, acreditar. Continua legal. Mas pode haver uma surpresa: ele pode estar falando *à sério*, e nesse caso, “foder comigo” não significa o que estou pensando, significa “me matar”, “me bater”, “me fazer mal”, “me deixar morto ou ferido”. Como entender a chamada “violência doméstica” contra a mulher fora desse contexto? Como entender a homofobia, o assassinato e a agressão a homossexuais fora desse contexto? Quem é que vai “meter o pau” no veado? Outro veado ou um homem que odeia veados? E quem “entra pelo cano”, nesse caso? Quem “dá” ou quem “come”? Quem “faz” ou quem “deixa”? Quem “entra duro” ou quem “entra no couro”? Quem “abre” o que não deve ou quem “fecha” quem abriu? Ganso ou banana? Galo ou fruta? O grosso ou o fresco? Espada ou gilete? Quem entra duro ou quem leva o frango? Se alguém aqui quiser me “meter o pau”, pelo que eu disse, eu direi, para terminar, o que se diz nos Estados Unidos, o país que não é machista, que é igualitário e que não estigmatiza o passivo como no Brasil: *Fuck you! I’ll fuck you!*

Referências Bibliográficas

Fry, Peter. (1982) Para inglês Ver. Identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro, Zahar.

Goffman, Erving. (1970). Estigma. Buenos Aires, Amorrortu. Edição brasileira: Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.

Green, James N. (2000) Além do Carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo, Editora Unesp.

Misse, Michel (1979) O Estigma do Passivo Sexual. Análise de um símbolo de estigma no discurso cotidiano. Rio de Janeiro, Achiamé/Socii. [2ª. Edição: 1981].

Mott, Luís. (1985) “Relações raciais entre homossexuais no Brasil colonial”. Revista Brasileira de História, v. 10: 89-102.

Murray, S.O. (1995) “Machismo, Male Homosexuality, and Latin culture”, in S.O.Murray (ed.), Latin American Male Homosexualities. Albuquerque, University of New Mexico Press.

Parker, Richard. (1992) Corpos, Prazeres e Paixões: cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo, Best Seller.

Parker, Richard. (1995) “Changing Brazilians Constructions of Homosexuality”, in S. O. Murray, Latin American Male Homosexualities. Albuquerque, University of New Mexico Press.

(*) Para uma bibliografia abrangente e atualizada sobre a sexualidade na América Latina, ver Daniel Balderston e Donna J. Guy, Sex and Sexuality in Latin América (New York University Press, 1997) e sua tradução para o espanhol: Sexo y Sexualidades en América Latina (Buenos Aires, Paidós, 1998). A mesma bibliografia pode ser obtida na Internet, atualizada regularmente, no endereço: www-sul.stanford.edu/depts/hasrg/latinam/balder.htm

Goffman, Misse e a linguagem dos atributos. Uma leitura do “Estigma do Passivo Sexual”, de Michel Misse. (*)

Laura Moutinho

Michel Misse (1981) interpela de modo interessante o conceito de estigma de Goffman³³ através de uma sofisticada discussão sobre o “estigma do passivo sexual”. Escrutinando o “mito da feminilidade”, Misse argumenta que o rendimento do conceito de Goffman se evidencia na ausência de uma reflexão que extrapole o nível das relações interpessoais, ou seja, aquele em que se dramatiza a disputa entre valores tidos como “normais” e “estigmatizadores”.³⁴ Tomando como referência a arbitrariedade do signo lingüístico tal como postulado por Saussure, Misse defende a possibilidade do símbolo do estigma não ser consciente, embora expresso no âmbito discursivo e inexistente “nas relações interpessoais, a não ser quando estas relações exprimem o discurso no qual aparece o símbolo de estigma” (p. 9).

Seguindo uma perspectiva estruturalista, o autor argumenta que o estigma não é redutível às relações interpessoais e que se aparece evidente nesse âmbito é porque está presente na ideologia dominante.³⁵ No “mito da feminilidade” o estigma do “passivo sexual” não aparece explicitado nas relações interpessoais por estar ocultado por um estereótipo “enobrecedor, prestigiante e anti-estigmático” do *ser mulher*, que compõe o mito da feminilidade. O símbolo do estigma identificado por Misse (o atributo social desacreditador) está relacionado com a “função biossexual a mulher” de “receptora do pênis”. Algo que aparece deslocado para o aspecto psicológico de modo a obscurecer uma

(*) Trecho retirado do livro de Laura Moutinho, *Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul*. São Paulo: Unesp, 2004, páginas. 349, 350 e 351. Agradeço à autora pela autorização para reproduzir aqui este trecho de seu livro.

³³ Goffman (1975) define estigma como “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” (p.7) e se refere a um “atributo profundamente depreciativo” (p.13).

³⁴De acordo com Misse: “Ao abstrair as determinações da estrutura ideológica sobre os atores, não consegue explicar que motivos levam as pessoas a escolher e oferecer determinados si mesmos e não outros, e por que outros aceitam ou rechaçam o si mesmo oferecido” (MISSE, 1981, p.27).

³⁵ A noção de ideologia operada pelo autor é similar àquela definida por Dumont (1992): refere-se a um sistema de valores, idéias e representações próprios de uma certa sociedade. Uma perspectiva que também orienta a análise aqui desenvolvida.

estigmatização que não se expressa (ou não pode se expressar) nas relações interpessoais. Nas palavras do autor: “A diferença é cristalizada de tal modo que a exclusão do ‘estranho’ pareça decorrer da aceitação geral de um ‘si mesmo’ oferecido pelas mulheres que se baseia num estereótipo ‘enobecedor’” (MISSE, 1981, p.30).

É na antinomia “ativo/passivo” que Misse identifica o símbolo do estigma que pesa sobre a mulher: o “estigma do passivo sexual”. Algo que diferentemente dos símbolos de estigmas analisados por Goffman, não é visível, nem tampouco direto ou consciente. A diferença entre as duas abordagens se evidencia na ênfase que o primeiro autor concede ao estigma, como algo que se anuncia na “linguagem dos atributos”; enquanto o segundo o percebe “na linguagem de relações em que tais atributos são manipulados” (MISSE, 1981, p.44).

A relevância de se ressaltar essa distinção se anuncia como necessária para o que pretendo discutir. Ao focalizar o estigma na “linguagem de relações” e percebê-lo como “um tipo especial de relação entre atributo e estereotipo”, Goffman atém-se à sua manipulação em um âmbito muito específico (o das relações interpessoais), de modo que um se define por oposição ao outro. No dizer do autor, essa proposição é formulada de seguinte maneira: “um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto, ele não é em si mesmo honroso nem desonroso” (p.13). Nessa perspectiva, o “normal” se afirma se apoiando no estigmatizado, que o define e lhe confere existência e vice-versa.

Na argumentação de Misse, o “normal” aparece como modelar (afirmativo), provido, como sugeriu Simmel, de “valor absoluto e universal”. Nessa lógica argumentativa, a existência simbólica do estigmatizado - como no binômio ativo/passivo -

aparece como dependente do “normal”. Assim, vemos que no âmbito da linguagem e do discurso, este último está associado ao “ativo” e o estigmatizado ao “passivo”.³⁶

Como visto nas falas dos “informantes”, anteriormente analisadas, no item “cor, atributos estético-sexuais e erotismo”, o homem “branco” é, entretanto, opaco no que tange aos atributos eróticos e sexuais. Como uma espécie de significante, dado seu valor absoluto, modelar e universal, construído com base na dominação de gênero e “raça”. Na esfera normativa, a relação entre homem “negro” e “branco” não se anuncia como uma linguagem de “relações” como defende Goffman, mas de “atributos” como propõe Misse.

Referências Bibliográficas

Dumont, L. (1992) *Homo Hierarquicus: o sistema de castas e suas implicações*. Ed. da UnB.

Goffman, E. (1975). *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

Misse, M. (1981). *O Estigma do Passivo Sexual: um símbolo de estigma no discurso cotidiano*. Rio de Janeiro, Achiamé-Socii, 2^a. Edição.

³⁶ Diz o autor: “o normal é ocupado por uma **ênfase** nos atributos do ativo e não se define simplesmente como negatividade do passivo, isto é, da perspectiva estigmatizada. O que parece ocorrer, aliás, é o inverso, é o passivo que depende do ativo para ter existência simbólica” (ênfase minha, 1981, p.34).

